



Joana Margarida Alves Macedo **A aula de Português: a compreensão na leitura**

UMinho | 2023

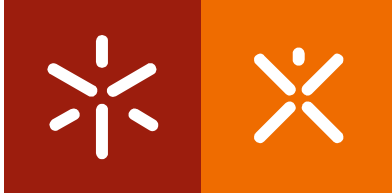


Universidade do Minho
Instituto de Educação

Joana Margarida Alves Macedo

A aula de Português: a compreensão na leitura

outubro de 2023



Universidade do Minho

Instituto de Educação

Joana Margarida Alves Macedo

A aula de Português: a compreensão na leitura

Relatório de Estágio

Mestrado em Ensino de Português no

3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

Trabalho Efetuado sob a orientação da

Professor Doutor António Carvalho da Silva

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do Repositório da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações CC BY-NC-ND



<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AGRADECIMENTOS

O fim deste mestrado é o culminar de uma etapa muito importante. Saio uma pessoa totalmente diferente da que entrou na Universidade do Minho. Tudo isto se deve às experiências, às pessoas com quem me cruzei e também às que sempre estiveram comigo, a quem, como tal, não poderia deixar de agradecer.

Aos meus pais e à minha irmã, por serem o maior suporte da minha vida e por estarem presentes em todas as suas etapas.

Ao meu avô Júlio que sofreu comigo diariamente, mas que, infelizmente, já não vai estar presente neste momento tão feliz, embora eu saiba que, espiritualmente, vai vibrar tanto quanto eu. Dizias que tinhas o maior orgulho em mim e em que me tornasse professora. Isto é para ti, avô.

Aos meus outros familiares, que me viram crescer e que sempre me apoiaram. .

Ao Carlos, o meu namorado, que faz de mim uma pessoa melhor e que sempre me demonstrou que, com trabalho e com ambição, tudo se consegue.

À Sofia, que fez exatamente o mesmo percurso que eu, e que Coimbra me deu a sorte de conhecer.

À minha psicóloga, Dra. Beatriz Abreu, pela força que me deu num momento tão difícil, fazendo com que eu acreditasse em mim e nunca desistisse.

Ao meu orientador de estágio, Professor António Teixeira, pelo cuidado que sempre teve comigo, pela maneira como me conseguiu corrigir, sem me desvalorizar.

Por último, mas não menos importante, ao meu supervisor, Professor Doutor António Carvalho da Silva, pela firmeza, disponibilidade e sabedoria que me transmitiu.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração. Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

A aula de Português: a compreensão na leitura

RESUMO

O presente Relatório constitui uma narrativa profissional do ano de estágio realizado em 2021/2022 com uma turma do 12.º ano.

O relatório está dividido em dois capítulos, onde, no primeiro, consta a fase inicial do estágio, a análise e averiguação que se realizou com a turma, para se perceber os problemas e as dificuldades que os alunos apresentavam.

Tal como o título indica, o principal foco foi na compreensão na leitura. O ensino da compreensão na leitura deve recair sobre estratégias pedagógicas dirigidas para o desenvolvimento do conhecimento linguístico dos jovens e do conhecimento que dispõem do mundo, de modo a que consigam compreender bem o texto e ler fluentemente, adaptar-se bem aos variados significados da palavra escrita.

Na escrita procurou-se seguir maioritariamente o modelo tridimensional da escrita de Flower e Hayes (1981) que consiste em três grandes componentes, a planificação, a redação e a revisão.

Na gramática, o foco foi nos conteúdos que costumam sair no exame, de um lado surgia a teoria e do outro lado a prática, considerando-se este um método pertinente.

Por último, na oralidade, que tem tendência a ser um domínio pouco valorizado, tentou-se que os alunos adquirissem técnicas de comunicação que lhes seriam úteis tanto no dia a dia, quanto para o futuro em momentos importantes, como numa entrevista de emprego.

Neste relatório, foram expostas atividades e também reflexões que contribuem para o desenvolvimento dos alunos, com o objetivo principal de se tornarem leitores autónomos e críticos.

É de salientar que todos os métodos utilizados foram adaptados às especificidades da turma e ao modelo que estavam habituados a usar com o professor cooperante.

Palavras-chave: ensino do português; compreensão na leitura; conhecimento linguístico.

The Portuguese class: reading comprehension

ABSTRACT

This Report constitutes a professional narrative of the internship year carried out in 2021/2022 with a 12th grade class.

The report is divided into two chapters, where in the first, it appears the initial internship phase, the analysis and investigation that was carried out with the class, to understand the problems and difficulties that the students presented.

As everything indicates according to the title, the main focus was on reading comprehension. Teaching reading comprehension must rely on pedagogical strategies aimed at developing young people's linguistic knowledge and their knowledge of the world, so that they can understand the text well and read fluently, adapting well to the varied meanings of the word writing.

In writing, we mostly tried to follow Flower and Hayes (1981) three-dimensional model of writing, which consists of three major components, planning, writing and reviewing.

In grammar, the focus was on the contents that usually appear in the exam, on one side there was theory and on the other side there was practice, considering this to be a relevant method.

Finally, in speaking, which tends to be an undervalued domain, we tried to encourage students to acquire communication techniques that would be useful both on a daily basis and in the future in important moments, such as a job interview.

In this report, activities and reflections that contribute to the development of students were exposed, with the main objective of becoming autonomous and critical readers. It should be noted that all the methods used were adapted to the specificities of the class and the model they were used to using with the cooperating teacher.

Keywords: Portuguese teaching; reading comprehension; linguistic knowledge.

ÍNDICE GERAL

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS	II
AGRADECIMENTOS	III
DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE.....	IV
RESUMO	V
ABSTRACT	VI
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL	4
1.1. Caracterização da escola	5
1.2. Caracterização da turma.....	5
1.3. Procedimentos Metodológicos.....	6
1.3.1 Metodologia de investigação adotada	6
1.3.2. Análise do inquérito sobre os hábitos dos alunos.....	7
1.4. Síntese do Projeto de Intervenção	8
CAPÍTULO II – INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NOS DOMÍNIOS DO PORTUGUÊS.....	10
2. Apresentação	11
2.1. Implementação do projeto de intervenção	11
2.2. O papel do professor de Português na formação do aluno	12
2.3. Importância do manual escolar de Português.....	13
2.4. A representação dos domínios segundo as <i>Aprendizagens Essenciais de Português</i>	13
2.5. Domínio da leitura	15
2.5.1. Conceito de leitura.....	15
2.5.2. A descodificação na leitura	15
2.5.3. A compreensão na leitura	16
2.5.4. Estratégias de leitura	18
2.5.5. Leitura em voz alta	20

2.5.6. Leitura digital <i>versus</i> leitura em papel	22
2.5.7. Vantagens da leitura digital	22
2.5.8. Atividades propostas para o domínio da leitura.....	23
2.6. Domínio da educação literária	24
2.6.1. Conceito de educação literária	24
2.6.2. Atividade proposta para o domínio da educação literária	25
2.7. Domínio da escrita.....	28
2.7.1. Processo de escrita	28
2.7.2. Atividade proposta para o domínio da escrita	29
2.8. Domínio da oralidade.....	30
2.10. Conclusões das atividades	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39
ANEXOS	43

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Propostas de intervenção	12
Figura 2 – Determinantes da fluência da compreensão de textos	18
Figura 3 – Estratégias de Compreensão na Leitura	20
Figura 4 – Modelo do processo de escrita	28

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I – Planificação anual	44
Anexo II – Inquérito sobre os hábitos de leitura e escrita dos alunos do 12.º ano	49
Anexo III – Excertos de <i>Memorial do Convento</i>	54
Anexo IV – Triade, Baltasar, Blimunda e Bartolomeu	63
Anexo V – Atividade proposta na aula de leitura	64
Anexo VI – Aplicação Quizizz	65
Anexo VII – Atividade realizada na App Quizizz	66
Anexo VIII – <i>PowerPoint</i> apresentado sobre José Saramago e o <i>Memorial do Convento</i>	68
Anexo IX – Manual <i>Outras Expressões 12.º ano</i>	70
Anexo X – <i>Power Point</i> apresentado sobre Texto de Opinião	71
Anexo XI – Atividade de expressão escrita de um texto de opinião	73
Anexo XII – Atividade de escrita com sugestões de temas	74
Anexo XIII – <i>PowerPoint</i> de auxílio aos comentários sobre a atividade	75
Anexo XIV – Cartoon que representa sofrimento e dor	76
Anexo XV – <i>PowerPoint</i> da atividade proposta da oralidade	77
Anexo XVI – Ficha de Trabalho “Orações coordenadas e subordinadas”	78

INTRODUÇÃO

A aula de Português consiste, em grande parte, na leitura de textos literários de autores portugueses. Fonseca (1992, p. 227), citada por Duarte (s./d.), afirma: “A análise e a produção de textos constituem, sem dúvida, momento central, regularmente presente, no ensino da língua materna.”

Para Ferraz (2007, p. 21), o que resulta do ensino da língua é “um aumento da competência linguística, confinada primeiro à competência de comunicação oral e alargada, depois, através dos vários níveis de ensino, às outras competências que, no seu conjunto, a integram”.

Na Educação Literária, o aluno faz ligações da atualidade com o passado, como, por exemplo, nas obras literárias, em que conseguimos, pela época em que a obra foi escrita, relacionar e conseguir compreender a obra. Logo, a aula de Português é um momento de cultura e partilha. Por seu lado, Balça & Azevedo (2019, p. 8) consideram que “Conhecer textos e autores literários faculta ao sujeito um conhecimento do mundo importante para que ele possa estabelecer conexões e relações intertextuais, inferindo muito daquilo que se entrediz ou que não se explicita abertamente”.

A aula de Português é, assim, caracterizada por se desenvolver em vários domínios, que serão abordados neste relatório. Todavia, o principal foco neste estágio foi a leitura, pelo que este domínio terá um lugar de maior destaque.

Quando se fala de leitura literária, ou seja, da leitura de textos literários, surge sempre a questão da motivação e do prazer de ler. A leitura é uma ferramenta fundamental no quotidiano, cabendo ao professor criar estratégias para que o ato de ler seja percecionado como um momento de prazer e não uma atividade obrigatória. Para isso, é preciso que o aluno esteja motivado, isto é, atribua sentido à leitura e tenha consciência dos seus objetivos, que perceba a importância daquele momento. Como afirma Martins (2009, p. 73), “ler é, antes de mais, um exercício de sedução. O livro tem que nos seduzir para aceitarmos desvendá-lo”.

A ligação que a própria família tem com a leitura e a classe social em que estão inseridos os alunos é também uma questão crucial para caracterizar a motivação da leitura de cada aluno. Muitas famílias não têm possibilidades para comprar livros, tornando-se um entrave caso a escola não lhes proporcione o encontro com os livros. Daí a importância das bibliotecas, mais

propriamente das bibliotecas escolares, que permitem aos jovens, de uma forma fácil e prática, aceder a livros conforme os seus gostos.

No caso específico da leitura escolar, deve ser suscitada discussão e muito debate, pois, como refere Mello (1998, p. 102), “no espaço coletivo que é uma sala de aula, além do professor, é sabido que são poucos os alunos que intervêm. As oportunidades são as mesmas, as habilidades não”. Devemos ter em consideração todos os obstáculos que podem surgir, e o trabalho deve ser em parte centrado nas dificuldades dos alunos. A mesma autora apresenta ainda a grande problemática da leitura de textos literários, como a dificuldade em “estabelecer associações a nível sintagmático e paradigmático”. (Idem, p. 95)

O ensino da literatura não parte do mesmo ponto dos outros domínios, pois Paul de Man (1989) justifica que, “em princípio, o saber deve poder ensinar-se. No caso da literatura, este saber implica, pelo menos, duas áreas complementares: factos históricos e filológicos, como condição preparatória para a compreensão e métodos de leitura ou interpretação” (citado por Mello, 1998, p. 111).

No que diz respeito à estrutura, este relatório está dividido em dois capítulos principais que são compostos por várias perspetivas de diferentes autores em relação aos diferentes domínios da aula de Português.

No capítulo I, denominado “Enquadramento Contextual”, é explicado o contexto da prática pedagógica, definindo-se a turma e as suas características, bem como a escola onde decorreu o estágio. De seguida, surgem os procedimentos metodológicos utilizados que consistem em explicar a fase inicial do estágio e, ainda nesse ponto, surge a análise do inquérito sobre os alunos que se limitava a captar as dificuldades dos alunos, o interesse que tinham na aula de Português e também o que gostavam de ver nessas aulas. Por fim, é apresentada uma síntese do Projeto de Intervenção, no qual foi apresentado um trabalho com enfoque nos textos literários e de que forma foi aplicado nas aulas.

O capítulo II, “Intervenção Pedagógica nos domínios do Português”, começa com o papel do professor na formação do aluno, que é um ponto essencial e mostra como pode moldar os alunos e definir o seu percurso. Segue-se a importância dos manuais escolares e a sua conceção. Consta ainda a representação dos domínios do Português nas Aprendizagens Essenciais. Por

último, são definidos os conceitos dos variados domínios e, de seguida, são apresentadas algumas atividades. Para cada atividade consta uma explicação, que justifica a realização daquela seleção.

Para finalizar, no capítulo intitulado “Considerações finais”, são apresentadas as conclusões, reflexões sobre as principais dificuldades, experiências de aprendizagem vividas a qual proporcionou evolução em vários níveis, surgindo também um balanço geral da formação no estágio pedagógico.

Conforme refere o título “A aula de Português: a compreensão na leitura”, as aulas concentraram-se maioritariamente em atividades direcionadas para a leitura com enfoque na sua compreensão, pois aprender a compreender um texto é o principal objetivo do ensino da leitura.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL

1.1. Caracterização da escola

Relativamente à sua localização, a prática decorreu na escola sede de um agrupamento escolar (AE), situado no distrito de Braga, concelho de Fafe e na zona central da cidade a que pertence. A nível geográfico, e segundo informação elencada no Projeto Educativo, este AE, que integra seis estabelecimentos de educação e ensino, combina a modernidade com a história: “A cidade é um espaço moderno, com apenas século e meio de existência na sua configuração atual” (Projeto Educativo da Escola, 2021, p. 4).

O mesmo documento refere que o objetivo do Projeto Educativo é “o desenvolvimento e a formação de cidadãos, proporcionando condições de igualdade de oportunidades e de sucesso” (Projeto Educativo da Escola, 2021, p. 11). Caracterizado por uma educação inclusiva, baseia-se em dez principais valores: criatividade; abertura; envolvimento; conhecimento; solidariedade; inclusão; coerência e flexibilidade; sustentabilidade; equidade; e, por fim, qualidade.

Quanto à caracterização socioeconómica e cultural da população escolar, os alunos provêm de freguesias diversas, umas de características urbanas e outras do meio semiurbano, algumas delas ainda com traços rurais.

Além disso, essa escola dispõe de parcerias e protocolos com clubes da cidade e instituições de música. Para este AE, estas relações permitem criar “estratégias curriculares e pedagógicas definidas no Agrupamento, que tem objetivos multidisciplinares, envolvimento da comunidade educativa e abertura ao mundo.” (Projeto Educativo da Escola, 2021, p. 8).

A escola recebeu distinções como: “Selo Escola Saudável Mente 2022-2024 - Boas práticas em saúde psicológica, bem-estar, sucesso educativo e inclusão”, “Eco-Escolas 2022”, “Selo Escola Saudável 2021/2023”, “Erasmus+”, “Twinning School 2021-2022”.

1.2. Caracterização da turma

Neste tópico, é apresentada a turma do 12.º ano, com a qual tive o gosto de trabalhar e que fez com que esta experiência fosse positiva.

A turma era composta por 20 alunos, com idades compreendidas entre os 17 e os 19 anos, sendo nove do sexo feminino e 11 do sexo masculino.

Como foi possível observar nas características da escola, que surgem no seu Projeto Educativo, esta turma era composta por três alunas brasileiras e recebeu ainda um estudante ucraniano.

Em termos comportamentais, por um lado, era uma turma muito participativa em certos momentos, que acabavam por falar todos em simultâneo, mas, por outro, tinha dias que apresentava pouca energia e predisposição para a aula. Entre os 20 estudantes, alguns eram mais empenhados do que outros e acabava por ser complexo para o professor gerir tudo isso. Uma característica que era idêntica a todos era a empatia e o respeito, tanto uns pelos outros, quanto pelos professores.

De uma maneira geral, a turma sempre preferiu atividades de leitura e demonstrava bastante desinteresse pela competência de escrita.

Como referido no ponto anterior, esta turma recebeu um aluno ucraniano, de 17 anos, e talvez por isso tenha ficado bastante sensibilizada, ao ponto de quererem pertencer ao projeto solidário “Uma Flor Para a Ucrânia”, organizado pelo Lions Clube de Fafe. Este projeto teve a participação de vários alunos e escritores locais, em que estes reuniram diferentes textos que resultaram num livro. O dia da apresentação do livro contou com um momento de dança e música. O dinheiro angariado teve como objetivo ajudar a reconstruir uma escola na Ucrânia e, futuramente, visitar essa mesma instituição.

1.3. Procedimentos Metodológicos

1.3.1 Metodologia de investigação adotada

A primeira fase do estágio passou por presenciar as aulas do professor cooperante da escola, em que o foco principal foi observar a turma, conhecê-los e ver como interagem uns com os outros. Foi desta maneira que se estabeleceu o primeiro contacto com o contexto da prática pedagógica.

Nesse ano letivo, o professor cooperante era responsável por três turmas do 12.º ano e atribuiu duas das três aos dois estagiários. Também nesse momento introdutório estabeleceu-se as matérias a lecionar, o início dos momentos de regência e os objetivos gerais a atingir.

Alguns fatores externos e improváveis relacionados com um acidente do professor orientador fizeram com que a data prevista fosse adiada e os momentos de regências decorressem entre fevereiro e maio.

O período de observação permitiu ainda inferir o grande problema da turma, ou seja, a compreensão na leitura e a falta de conhecimento linguístico. É precisamente na escola que deve existir oportunidade para esses alunos ultrapassarem estas dificuldades, pois a escola não se

remete só à disciplina, mas também à vida. Através da investigação, foi possível elaborar atividades que desenvolvessem, principalmente, competências literárias nos alunos.

1.3.2. Análise do inquérito sobre os hábitos dos alunos

Como já foi referido, a primeira interação com a turma foi através da realização de um inquérito aos alunos, que consistia em conhecer os seus hábitos de leitura, o que achavam das aulas de Português e as matérias preferidas. O inquérito surge no Anexo II.

A primeira questão pretendia saber se os alunos gostavam da disciplina, da qual apenas três alunos disseram que não gostavam, e a justificação que apresentaram foi por terem dificuldades na gramática e na escrita. O resto da turma disse gostar da disciplina e que era interessante.

As segunda e terceira questões tinham como objetivo saber a matéria que mais os motivava e desmotivava. A matéria mais votada foi Cesário Verde e Fernando Pessoa, com seis alunos a escolher como algo que os motivou. Na matéria que mais os desmotivou, sete alunos escolheram gramática e um ainda referiu as orações como o pior para se estudar. A justificação apresentada foi a de que sempre tiveram dificuldades nessa matéria. No entanto, nem todos os alunos justificaram a sua resposta. Foi através deste ponto que optei por dedicar aulas específicas ao domínio da gramática.

A maioria da turma, nomeadamente 13 alunos, disseram que gostavam muito de ler e que consideravam a escrita uma atividade agradável. Foi possível verificar que a escola tem um grande peso na motivação quer dos alunos, quer em relação à escrita e à leitura.

Na sugestão de como tornar a aula mais cativante, as recomendações foram entre teatro, debates e uso de tecnologias. Alguns não sugeriram nada por considerarem os métodos utilizados suficientes. Os alunos também referiram que acham importante o professor ser simpático e acessível.

Através deste inquérito, foi possível perceber opiniões e fatores que apenas com a observação ainda não tinha concluído. Usei um método semelhante ao professor cooperante, pois os alunos sentiam-se confortáveis. O papel do professor também deve ser permitir aos alunos que tenham uma posição marcada na aula e tornar-se como um amigo e não um inimigo, o que muitas vezes é o que acontece.

1.4. Síntese do Projeto de Intervenção

Um dos grandes problemas dos alunos do Ensino Secundário é a falta de conhecimento linguístico, o problema que têm para entenderem o significado de algumas frases e a dificuldade de compreensão na leitura. Um dos principais efeitos desta dificuldade é o seu desinteresse pela leitura, quer orientada, quer independente. O gosto e o hábito pela leitura devem surgir desde cedo. Para isso, os professores, que acompanham os alunos, necessitam inculcar-lhes práticas de leitura. Santos & Peixeiro (2020, p. 206) referem que, cada vez mais, os professores têm comprovado o desinteresse dos alunos “relativamente à frequência com que leem e escrevem”. Isto, à primeira vista, pode não mostrar grandes implicações, mas tem consequências, como, por exemplo, a má interpretação de um enunciado no teste, tanto que é bastante comum ouvir-se os professores de matemática dizerem que a principal razão para as más notas nessa disciplina é a dificuldade que os alunos têm de interpretar as questões.

O Projeto de Intervenção centrou-se essencialmente nos textos literários, considerando-os fundamentais, por terem a capacidade de impulsionar experiências culturais, de acordo com Bernardo & Mateus (2013).

Outro ponto essencial foi a utilização dos contextos, no sentido de perceber as circunstâncias em que foi feita a obra literária, já que, tal como referem Bernardes & Mateus (2013, p. 70), “o texto literário, seja ele qual for, surge dentro de uma determinada moldura histórica e social”.

Pelo contexto de intervenção, foi possível verificar as dificuldades da turma, tais como a ausência de conhecimento linguístico e, quando questionados sobre os significados das palavras, a dificuldade de as decifrar. Sim-Sim, Duarte & Micaelo (2007, p. 9) referem que o ensino da compreensão na leitura tem de incluir “estratégias pedagógicas direcionadas para o conhecimento que possuem sobre o mundo e para o desenvolvimento de competências específicas de leitura”.

Para fomentar esta aprendizagem, realizaram-se atividades que ativassem o conhecimento linguístico dos alunos. Estes responderam bem e tentaram usar as estratégias propostas, como por exemplo ir à base da palavra, tentar decifrar o significado da palavra pelo seu contexto na frase. Outra estratégia, muito utilizada em alunos de língua estrangeira, que também é possível aplicar no ensino de língua materna, é o modelo bottom-up, criado por Gough (1972), em que o leitor lê por etapas/frases, com o objetivo de decifrar o significado. Este modelo está

relacionado com os conhecimentos prévios, pois obriga o aluno a ter cultura, a ter informação relevante.

CAPÍTULO II – INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NOS DOMÍNIOS DO PORTUGUÊS

2. Apresentação

Este capítulo é iniciado com a implementação do projeto de intervenção. Segue-se para a importância do papel do professor na formação do aluno e dos manuais escolares.

De seguida, surge a representação de todos os domínios da aula de Português, de acordo com as *Aprendizagens Essenciais de Português* que também são apresentados, segundo alguns autores. Além disso, explicam-se as propostas de atividades para cada um.

Por fim, consta uma breve conclusão das atividades realizadas no estágio.

2.1. Implementação do projeto de intervenção

A tabela que surge em baixo (Tabela 1), propostas de intervenção, foi construída quando se elaborou o projeto. É de carácter geral e apresenta os objetivos específicos e as atividades/estratégias a aplicar, com base no documento *Aprendizagens Essenciais de Português* do 12.º ano. Esta tabela serviu como um instrumento guia da prática pedagógica.

Ano de escolaridade	Objetivos específicos	Atividades/Estratégias	<i>Aprendizagens Essenciais</i>
12.º	Oralidade – Participar construtivamente em debates em que se explicita e justifique pontos de vista e opiniões.	– Realização de um debate.	– Produção de discursos preparados para apresentação a um público restrito.
	Leitura – Realizar leitura crítica e autónoma; – Clarificar temas, subtemas, ideias principais e pontos de vista.	– Realização de exercícios de pré-leitura; – Respostas escritas a questões de leitura.	– Compreensão e interpretação de textos através de atividades que impliquem inferir informação a partir do texto; – Estabelecer ligações entre o tema desenvolvido no texto e a realidade vivida pelo aluno.
	Educação Literária – Comparar textos de diferentes épocas em função dos temas, ideias, valores e marcos históricos e culturais.	– Respostas escritas e orais a questões sobre a leitura de um texto de educação literária.	– Compreensão dos textos literários com base num percurso de leitura que implique analisar o modo como os temas, as experiências e os valores são representados pelos autores do texto.

<p>Escrita – Escrever textos de opinião, apreciações críticas, exposições sobre um tema.</p>	<p>– Elaboração de um texto com características específicas.</p>	<p>– Apreciação de textos produzidos pelo próprio aluno ou por colegas, justificando o juízo de valor sustentado.</p>
<p>Gramática – Distinguir frases com diferentes valores aspetuais.</p>	<p>– Realização de fichas de gramática.</p>	<p>– Explicitação de valores aspetuais expressos pelo sistema verbal nos textos orais e escritos.</p>

Figura 1 – Propostas de intervenção

2.2. O papel do professor de Português na formação do aluno

A palavra educar deriva do latim e tem origem em dois étimos diferentes: “educare” e “educere”. A primeira significa “alimentar” ou “nutrir” e a segunda quer dizer “extrair de”, logo, com isto, percebe-se que o professor deve dar ao aluno conhecimento que ainda não possui e ajudar a descobrir capacidades já adquiridas que, às vezes, por falta de autoestima ou desvalorização de terceiros e de valores da sociedade, não conseguem admirá-las e usufruir delas. Como refere Campos (citada por Cardoso, 2013), um bom professor tem de ser uma boa pessoa, justa, honesta, amante do saber e da verdade.

Nóvoa (2012) não poderia estar mais de acordo com o que foi dito anteriormente: “A educação de todas as crianças, cada uma à sua maneira, está no coração da nossa responsabilidade ética. Alguém que, com argumentos mais ou menos teóricos, mais ou menos pragmáticos, considere que há crianças ineducáveis não tem o direito a dizer-se educador” (citado por Cardoso, 2013, p. 48).

Outro ponto importante é o facto de o professor ter consciência de que o aluno também tem sentimentos e emoções. O professor deve procurar conhecer bem o estudante nos seus aspetos emocionais, intelectuais e sociais. Queiroz (2003) considera este aspeto fundamental, já que o aluno é um ser humano, que, tal como o professor, também tem problemas, defeitos, aptidões e que, acima de tudo, é um ser em formação.

Atualmente, os jovens vão cada vez menos motivados para a escola. Muitos não compreendem a necessidade de completarem o ensino obrigatório, pelo que, se o educador for amoroso, transmitir segurança, mostrar disposição para superar as falhas que forem acontecendo, o professor criará uma escola mais alegre e mais motivante para os alunos, reflete Freire (2003).

2.3. Importância do manual escolar de Português

O manual escolar é, atualmente, um objeto imprescindível na sala de aula e o suporte de aprendizagem mais utilizado nas escolas, aliás, “o manual escolar é visto e utilizado como a “bíblia” de uma disciplina” refere Brito (1999) (citado por Silva, 2006, p. 126), tal como é inevitável usarmos o lápis diariamente na escola, também o manual é um objeto do quotidiano dos alunos.

Lobo (2013) refere que os manuais servem como um guia dos programas curriculares, acabando até por funcionar como o próprio programa da área curricular (Castro *et alii*, 1999).

De acordo com Choppin (1992, *in* Morgado, 2004, p. 37), “o manual escolar resume quatro características diferentes e importantes, que lhe conferem uma atitude própria: é um produto de consumo, um suporte de conhecimentos escolares, um veículo transmissor de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura e, por último, um instrumento pedagógico”.

Atualmente, temos acesso a vários meios e suportes para utilizar em aula, como a Escola Virtual e o próprio computador, que, através da internet, permite recorrer a várias ferramentas. Mesmo com todos esses meios de aprendizagem na sala de aula, o manual continua a ser o mais utilizado.

Devemos sempre complementar com outras estratégias e, se possível, até criar as próprias fichas baseadas em teorias que mostram eficazmente como se devem ensinar os diferentes domínios. No entanto, encontra-se o outro lado da moeda, já que o tempo dos professores não permite a possibilidade de se realizar tudo de forma autónoma. Como refere Morgado (2004, p. 13), citado por Lobo, “a burocracia intrínseca à própria atividade docente são fatores a ter em conta e, em muitos dos casos, dificultam a investigação de outros recursos didáticos ou mesmo conceção de outros estratagemas de ensino, alternativos ao manual escolar”.

2.4. A representação dos domínios segundo as *Aprendizagens Essenciais de Português*

Este documento define um aspeto crucial, que é o facto de muitas vezes termos de justificar para que serve a aula de Português. Neste sentido, as *Aprendizagens Essenciais* surgem como “essenciais para ler na íntegra uma obra literária, para compreender uma decisão jurídica, para

interpretar um discurso político, para comunicar conhecimento e defender ideias” (Ministério da Educação, 2018, p. 2).

Sobre o domínio da leitura, dá-se destaque a um grande objetivo. Os alunos devem ser capazes de realizar “processos de leitura e de interpretação de textos escritos de diversos géneros de complexidade considerável”, em conjunto com uma apreciação crítica, e de desenvolver “a consciência reflexiva das suas funcionalidades” (Ministério da Educação, 2018, p. 3). No domínio da educação literária, salientam-se ideias como “capacitar os alunos para a leitura, compreensão e fruição de textos literários”. Além disso, também é apresentada a capacidade crítica da dimensão estética desses textos e a forma como neles se “manifestam experiências e valores” (*Ibidem*).

Para o domínio da oralidade, o essencial é que os alunos tenham a capacidade de “compreender textos orais de elevada complexidade, interpretando a intenção comunicativa subjacente” (Ministério da Educação, 2018, p. 2), mas também que consigam avaliar-se na sua capacidade de utilizar a expressão oral de forma correta. Quanto ao domínio da escrita, é desejado que os alunos consigam atingir níveis elevados de domínios relevantes a estratégias e capacidades de escrita de vários géneros textuais. Sobre o domínio gramatical, terão de estar aptos para revelarem “um conhecimento metalinguístico seguro dos aspetos de estrutura e de funcionamento da língua considerados essenciais ao longo da escolaridade obrigatória” (*Idem*, p. 3).

Especificamente sobre o 12.º ano, tenciona-se que a aula de Português esteja direcionada para o desenvolvimento da competência da oralidade, isto é, “argumentar em situações de debate e de confronto de perspetivas”, a competência de leitura com foco nos textos argumentativos, como o “discurso político, artigo de opinião e apreciação crítica”. Na educação literária, deve-se considerar “não só para conhecimento, leitura e apreciação estética de obras portuguesas que constituíram um marco do pensamento e da literatura portuguesas do século XX”, como também “para o desenvolvimento de hábitos de leitura”. Além disso, pretende-se fomentar a competência de escrita, com base no conhecimento para “escrever textos de natureza expositiva e argumentativa”, e, por fim, a competência gramatical, “por meio de um conhecimento explícito sistematizado sobre aspetos essenciais dos diversos planos (morfológico, fonologia, classe de palavras, etc.) (Ministério da Educação, 2018, pp. 3-4).

2.5. Domínio da leitura

2.5.1. Conceito de leitura

O momento da leitura permite-nos sonhar, viajar e enriquece-nos intelectualmente. Ler torna-nos autónomos, pelo que a leitura é uma competência fundamental. “Ler é uma condição indispensável para o sucesso individual, quer na vida escolar, quer na vida profissional” (Sim-Sim, 2007, p. 6).

Sim-Sim (1995) considera que a leitura é um processo interativo entre o leitor e o texto, em que o primeiro reconstrói o significado do segundo. Não é, por isso, um processo automático e exige treino.

Como referido anteriormente, a leitura é um processo interativo que se estabelece entre o leitor e o texto, considerando que ler é sinónimo de descodificar e compreender.

A leitura é composta por vários processos. Cabral (1986) considera os seguintes: descodificação; compreensão; interpretação e retenção. A descodificação consiste no “reconhecimento das marcas gráficas, definidas pelas letras do alfabeto”; a compreensão acontece “quando o leitor capta a temática e as ideias principais do texto lido ou ouvido”; a interpretação “apela ao espírito crítico do leitor, onde este é capaz de julgar o que leu”; e, por último, a retenção, que se caracteriza por “aquilo que o leitor adquiriu e o que interpretou do texto”.

2.5.2. A descodificação na leitura

Incidindo na descodificação, este processo considera-se uma tradução da linguagem. Como Sim-Sim (2009, p. 12) afirma, “o reconhecimento da palavra escrita é a pedra basilar da leitura. Por reconhecimento da palavra, entende-se o processo cognitivo pelo qual o leitor associa a representação escrita da palavra à sua forma oral”. E acrescenta que “decifrar, ou descodificar, significa identificar as palavras escritas, relacionando a sequência de letras com a sequência dos sons correspondentes na respetiva língua” (Sim-Sim, 2009, p. 12), logo consiste na relação dos sons com as letras.

Na teoria, pode considerar-se um processo fácil, mas, se assim fosse, ninguém teria problemas em decifrar uma palavra. Neste sentido, Santos (2000) distingue o processo de leitura

pela passagem de níveis. O primeiro nível consiste na decifração de símbolos gráficos (leitura elementar), e o segundo na captação de um significado ou de uma mensagem (leitura de compreensão). Santos considera ainda que estes dois níveis de leitura, apesar de se complementarem, exigem capacidades e operações cognitivas diferentes. O nível da leitura elementar representa as técnicas de reconhecimento e diferenciação visual dos grafemas, da sua transformação em fonema, da composição de palavras e da sua identificação. A leitura elementar surge sempre antes da leitura de compreensão, sendo que a passagem e o domínio do nível da leitura elementar é essencial para o alcance da leitura de compreensão. Ao nível da leitura de compreensão, o enfoque é unicamente nas tarefas de apreender e interpretar o sentido literal e inferencial do texto.

2.5.3. A compreensão na leitura

Por compreensão da leitura, Sim-Sim, Duarte & Micaelo (2007, p. 7) entendem “a atribuição do significado ao que se lê, quer se trate de palavras, de frases ou de um texto”. Apontam fatores cruciais para uma boa compreensão de textos, como o conhecimento prévio que o leitor tem sobre o tema e o conhecimento de vocábulos. As autoras estabelecem quatro vetores cruciais para um bom nível de compreensão da leitura: “a eficácia na rapidez e na precisão da identificação de palavras; o conhecimento da língua de escolarização (particularmente o domínio lexical); a experiência individual de leitura; as experiências e o conhecimento do mundo por parte do leitor” (Sim-Sim *et alii*, 2007, p. 9).

Consideramos, então, que “a compreensão beneficia, por isso, da experiência e do conhecimento que o leitor tem sobre a vida e sobre o mundo e também da riqueza lexical que o leitor possui” e que “a compreensão do que lemos depende muito do que já sabemos sobre o assunto a ler” (*idem*, p. 11).

Giasson (2000) descreve dois modelos de compreensão, um de concepção tradicional e outro contemporâneo. O modelo tradicional consiste na interação do leitor com o texto. O leitor dá sentido ao texto e o mesmo serve-se dele, dos seus conhecimentos e da intenção de leitura. O modelo contemporâneo, por sua vez, resulta da interação do leitor, do texto e do contexto. O leitor é a variável mais profunda do modelo de compreensão. Um dos maiores fatores que controlam a construção da coerência pelo leitor é, claramente, o conhecimento prévio, pois é fundamental para o processo de compreensão. A mesma autora divide ainda os processos de leitura em:

microprocessos, que servem para compreender uma informação contida numa frase; processos de integração, que têm como função efetuar ligações entre as proposições ou as frases; macroprocessos, que são processos que se orientam para a compreensão global do texto, para as conexões que permitem fazer do texto um todo coerente; processos de elaboração, são os que permitem aos leitores ir além do texto, efetuar inferências não efetuadas pelo autor. Por fim, os processos metacognitivos geram a compreensão e permitem ao leitor adaptar-se ao texto e à situação. Correspondem às habilidades essenciais para compreender um texto e realizam-se simultaneamente.

O leitor possui características como as estruturas cognitivas e afetivas. As estruturas cognitivas são compostas pelo conhecimento sobre a língua e o mundo. No conhecimento da língua, estão os conhecimentos fonológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Incorporado no conhecimento do mundo, Adams & Pruce (1982, p. 23) citados por Giasson (2000) referem que “a compreensão é a utilização de conhecimentos anteriores para criar um novo conhecimento. Sem conhecimentos anteriores, um objeto complexo, como um texto, não é apenas difícil de interpretar; para falar com rigor, ele não tem significação”.

O principal objetivo do ensino da compreensão da leitura é o progresso da aptidão para ler um texto fluentemente. Baseado nas teorias de Giasson (2000), podemos dizer que a compreensão não é a transferência do texto para a mente do leitor, mas uma criação do sentido que ele próprio faz.

Sim-Sim (2009, p. 9) afirma que “ler é compreender o que está escrito. A leitura é, acima de tudo, um processo de compreensão que mobiliza simultaneamente um sistema articulado de capacidade e de conhecimentos”.

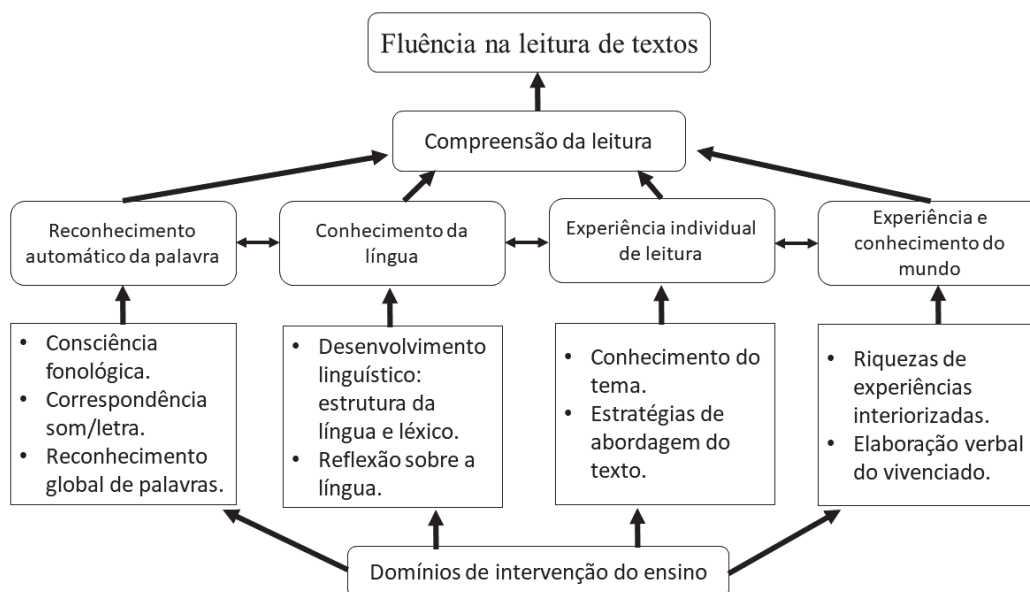


Figura 2 – Determinantes da fluência da compreensão de textos

(Fonte: adaptado do esquema de McKenne & Stahl, 2003, em Sim-Sim, 2007, p. 10)

A partir desta figura, surgem algumas estratégias que cabe ao professor utilizar, nomeadamente o reconhecimento automático da palavra, o conhecimento da língua, a experiência individual de leitura e a experiência e conhecimento do mundo.

Saber ler é atingir a compreensão de um texto, ou seja, para sermos leitores fluentes, temos de conseguir compreender. Como refere Jesus Zorrilla (2001, citada por Nina (2008, p. 47)), “si no hay una buena comprensión de lo que se lee, no habrá nunca ni muchos, ni buenos lectores”.

2.5.4. Estratégias de leitura

Considero que a primeira estratégia de leitura tenha de ser a motivação. Nem todos os alunos vão para a escola motivados e isso pode ser determinante no seu sucesso escolar. É essencial arranjar formas de alterar este comportamento e mostrar a importância da leitura. “Considerando que ninguém nasce a saber ler, que se aprende a fazê-lo ao longo da vida, num processo contínuo e sistemático, a escola e os professores têm o dever de tentar, em qualquer momento do processo escolar, levar os alunos a aprender a ler corretamente e inclusivamente a gostar de o fazer” (Sardinha & Azevedo, 2013, p. 41).

O momento da leitura tem de ser prazeroso, não podemos simplesmente ordenar “vai ler”; a envolvimento que têm com os livros desde crianças será crucial. Como refere Manzano (1998, citado por Menezes, 2010, p. 50), “a família é o lugar privilegiado para a criança despertar para o interesse pela leitura”. Com isto, percebemos que se os familiares lerem e incentivarem os filhos a fazerem o mesmo, a motivação para esta atividade será muito mais fácil.

Pennac (1996, p. 122) considera que, para haver uma boa ligação entre o aluno e a leitura, é necessário “não pedir nada em troca. Absolutamente nada. Não erguer qualquer barreira de conhecimentos prévios em torno do livro”.

Através de todas estas ideias de motivação, surgem algumas estratégias para o momento da leitura, nomeadamente, ler em voz alta, ler em grupo, encontrar um género que desperte mais interesse, visitar a biblioteca escolar.

Atividades de pré-leitura são também essenciais para a formação de um leitor competente, e envolve a compreensão e a relação do novo conhecimento com saberes já dominados (Azevedo & Balça, 2016, p. 83). Os mesmos autores apresentam propostas para justificar aquilo que consideram essencial no momento que antecede a leitura, “são de realçar as estratégias de exploração dos elementos paratextuais, com particular destaque para o texto gráfico/icónico da capa, título da obra, a autoria, elementos estimuladores da configuração de um determinado horizonte de expectativas” (*Idem*, p. 84).

Yopp & Yopp (2001) também sugerem algumas estratégias, por exemplo, utilizar guias de antecipação, onde explicam que é uma atividade “constituída por um conjunto de asserções relativas ao texto que vai ser lido e em relação às quais o leitor é solicitado a manifestar a sua opinião para, a partir daí, estimulando-se o diálogo e a partilha acerca da temática da obra objeto de análise, confirmar e expandir o seu ponto de vista com a leitura posterior desse texto” (citados por Azevedo & Balça, 2016, p. 84).

O quadro seguinte representa uma síntese dos três grupos de estratégias de compreensão da leitura a serem trabalhadas pelo professor e as formas de as operacionalizar por parte dos alunos, propostos por Sim-Sim (2007, pp. 15-23):

Estratégias a trabalhar pelo professor	Formas de operacionalizar estas estratégias por parte dos alunos
<p>Antes da leitura</p> <p>Explicitar o objetivo da leitura do texto; Ativar o conhecimento anterior sobre o tema; Antecipar conteúdos com base no título e imagens, no índice do livro; Filtrar o texto para encontrar chaves contextuais.</p>	<p>Antes da leitura</p> <p>Para que vou ler este texto? O que já sei sobre isto? O que é que o título e/ou as imagens me fazem lembrar?; Que informações posso retirar do índice; Que pistas posso encontrar no texto?</p>
<p>Durante a leitura</p> <p>Fazer uma leitura seletiva; Criar uma imagem mental do que foi lido (associações, experiências sensoriais, sentimentos); Sintetizar à medida que se avança na leitura do texto; Adivinhar o significado de palavras desconhecidas; Se necessitar, usar materiais de referência (dicionários, enciclopédias...), Parafrasear partes do texto; Sublinhar e tomar notas durante a leitura.</p>	<p>Durante a leitura</p> <p>O que tenho de reler? O que não preciso de ler? O que tenho de ler devagar e com muita atenção? De que imagens me lembro quando leio o texto?</p> <p>Qual a informação mais importante deste parágrafo? Como posso dizer a informação importante em poucas palavras? Como é que descubro o significado da palavra? O que a palavra me faz lembrar? Quero saber mais</p>
	<p>sobre este assunto, onde posso procurar mais informação? Que informação devo sublinhar ou colocar notas ao lado do texto para mais facilmente me lembrar ou localizar mais tarde?</p>
<p>Depois da leitura</p> <p>Formular questões sobre o lido e tentar responder; Confrontar as previsões feitas com o conteúdo do texto; Discutir com os colegas o lido; Reler.</p>	<p>Depois da leitura</p> <p>O que aprendi com o texto? Quais são as ideias mais importantes do texto? Como posso dizer em poucas palavras a mensagem do texto? As minhas previsões sobre o conteúdo do texto estavam corretas? O que acho importante dizer e/ou perguntar aos meus colegas sobre o texto? Que partes do texto devo voltar a ler para tentar perceber melhor? Juntando a informação do texto com o que já sabia, o que sei agora sobre o assunto?</p>

Figura 3 – Estratégias de Compreensão na Leitura

(Fonte: adaptado do esquema de McKenne & Stahl, 2003, *in* Sim-Sim, 2007, p. 17)

2.5.5. Leitura em voz alta

A leitura em voz alta foi um método utilizado em todas as análises dos textos que abordámos. Por essa razão, é apresentada uma reflexão sobre a importância desta técnica de leitura.

Consideramos que a leitura em voz alta deve começar no próprio seio familiar, desde

cedo, e a sua prática necessita ter um lugar importante na sala de aula, mais especificamente na aula de Português, tal como alguns autores afirmam:

Tomemos al pie de la letra lo de la preeminencia del aprendizaje y digamos como Sara Bryant que la «narración de un cuento no queda ya únicamente relegada a la esfera del Jardín de Infancia, se admite en todos los grados, es decir, en todas partes donde los niños son todavía niños.

Algunas veces se exige sólo en aras del cultivo de la inteligencia; en otras, dentro de una idea más amplia, ya sea para vulgarizar un hecho científico, o apoyar una teoría moral; pero cualquiera que sea el motivo aducido, la conclusión es siempre la misma: hay que contar cuentos a los niños y a la juventud (Machacón & Mendo, 2000, p. 816).

Com isto, pretende-se mostrar que ler não se deve restringir aos jardins de infância e às crianças mais novas, mas também aos jovens em qualquer ano de ensino, qualquer tipo de leitura. No entanto, o que se quer provar é o poder da leitura em voz alta, através de um estudo de Pennac (1996), que compara a complexidade da leitura silenciosa com a leitura oralizada. O autor considera que a prática da leitura em silêncio é algo cómodo.

Soares (2003) também partilha o seu contributo sobre a importância da prática da leitura em voz alta. Apresenta um exemplo de uma professora que lia para os seus alunos e preparava aulas dedicadas exclusivamente à leitura. Nessas aulas, conferia a responsabilidade aos alunos de lerem em voz alta e de forma seguida, em sequência, em que “onde um acabava, pegava o outro, sem pitada de paragem” (p. 52).

A mesma autora considera que esta atividade podia suscitar dificuldades a nível vocabular, considerando até um bom exercício para os alunos. Competia à professora corrigir, uma tarefa que se considera que não deve ser desconfortável nem evitável. É necessário que o aluno compreenda as razões que levam o professor a fazê-lo. Claro que a forma como o irá fazer define a perceção do aluno. É importante que o professor mostre que o tipo de leitura depende do tipo de texto.

A escolha dos textos tem um papel fundamental no prazer que o aluno tem com a leitura. O ideal será que, no início do percurso escolar, o aluno tenha contacto com textos que sejam apelativos, pois, ganhando gosto desde cedo, irá permitir que, quando surgirem textos com os quais os alunos não se identifiquem, eles consigam ficar cativados e dar sempre uma oportunidade a essa leitura. Com isto, quero dizer que a leitura de textos menos rigorosos e mais motivantes para os alunos podem ser cruciais para quando lidam com obras literárias como *Memorial do*

Convento ou Mensagem.

Uma teoria polémica, com a qual não podia estar mais em desacordo, baseia-se em considerar que, à medida que os alunos vão aumentando as capacidades de leitura e chegam a níveis escolares mais avançados, devem optar pela leitura silenciosa no lugar da leitura em voz alta. No entanto, a leitura oralizada “põe em evidência indisfarçável as deficiências de compreensão que o silêncio escamotearia” (Soares, 2003, p. 55), o que já é uma mais-valia.

A leitura em voz alta está presente nos nossos dias. Belo & Sá (2005) apresentam alguns exemplos como as leituras de atas em reuniões, leituras de cartas, leituras para colegas de trabalho, de acordos laborais após negociações com as direções e entidades empregadoras; leitura de textos sagrados, nas igrejas; leitura de comunicados, de direitos de antena ou de conferências de imprensa feitas por jogadores, políticos e treinadores; e leituras de animadores e apresentadores de televisão a partir de telepontos.

A oralização do texto possibilita que todas as turmas, sem exceção, se conectem com o texto, pois é cada vez mais comum os alunos não levarem para a escola os livros que são abordados em sala de aula, quer por preguiça, quer por dificuldades económicas. Assim, é uma forma de nenhum aluno se sentir excluído da atividade.

2.5.6. Leitura digital *versus* leitura em papel

Na primeira fase do estágio foi possível verificar que a turma atribuída nem sempre levava o manual escolar para a aula e, futuramente, o livro *Memorial do Convento*. Acabou por ter de se disponibilizar, muitas vezes, os materiais em formato digital. A própria leitura do *Memorial do Convento* decorreu através da leitura digital, o que tornou pertinente procurar as suas vantagens, no sentido de se ter a certeza de que não iria afetar a turma.

2.5.7. Vantagens da leitura digital

Algumas das vantagens da leitura digital são o facto de economizar papel e consequentemente torna-a amiga do ambiente; a facilidade em transportar “Com o Livro Digital, o sonho de muitos: pesquisadores, cientistas, dentre outros, seria possível, armazenar todo conhecimento possível em um único espaço” (Silva & Nascimento, 2010, p. 3); o facto de ser uma fonte inesgotável e também a disponibilidade imediata.

2.5.8. Atividades propostas para o domínio da leitura

Atividade 1 – Leitura do *Memorial do Convento*

A aula começou com a visualização do vídeo do jornal *Público* “Queres vir andar de balão connosco?”, que faz referência à passarola do *Memorial do Convento*.

De seguida, iniciámos a leitura e a análise de excertos do capítulo VI do *Memorial do Convento*, fazendo-se a caracterização da personagem Padre Bartolomeu de Gusmão e de Baltasar. Foi um momento de ridicularização da passarola, na qual os alunos, através de uma inferência, conseguiram perceber a situação.

Os momentos de leitura foram sempre em voz alta, os alunos liam de forma encadeada e só no fim partíamos para a decifração das palavras mais complicadas. Como indica Mello (1998, p. 100) “Se entendermos que a leitura ativa implica a verbalização do que se lê, a competência discursiva torna-se um fator fundamental de aprendizagem, pois constitui, no processo de leitura, um suporte para a compreensão e a interpretação”. Através da leitura em voz alta, é possível detetar quando o aluno não conhece a palavra e, através disso, já vamos procurar o significado e decifrar a palavra.

Prosseguimos com a visualização do vídeo “Bartolomeu de Gusmão, o inventor da Passarola”, retirado do site “Ensina RTP”, onde é apresentada parte de uma peça de teatro, em que os alunos demonstraram interesse, nos inquéritos que realizados numa primeira fase, em assistir a peças de teatro e, não sendo possível, observou-se este vídeo de uma peça de teatro sobre a obra que estávamos a lecionar.

A turma foi questionada com duas questões referentes ao vídeo: “Como irá concretizar o seu sonho de voar?” e “Quem constitui a “trindade terrestre”?”. As questões foram facilmente respondidas, pois eles estiveram atentos ao vídeo.

Posteriormente, foi apresentada uma imagem (Anexo IV) com as personagens do capítulo, Blimunda, Baltasar e Bartolomeu Gusmão, para a turma comentar, pretendendo-se saber se seriam capazes de relacionar as personagens e perceber a importância das mesmas quando trabalhavam juntas.

Os alunos conseguiram referir que as três personagens, isoladamente, não conseguiam concretizar o sonho de voar e só seria possível se trabalhassem em conjunto, Baltasar com a força física, Blimunda com a recolha das vontades e, Bartolomeu com o saber.

Para finalizar a aula, e com o objetivo de avaliar se os alunos estavam realmente a compreender a análise, realizou-se um exercício que consistiu em responder à questão: “Interprete

o sentido da conversa final entre Bartolomeu Lourenço e Baltasar a propósito da ausência da mão esquerda em Baltasar.” (Anexo V)

Atividade 2 – Quizizz

Numa das últimas aulas de análise do *Memorial do Convento*, realizou-se com a turma uma espécie de revisão da obra, pelo que fizemos um quiz do site “Quizizz”. O quiz era composto por 50 perguntas e tinha sempre quatro respostas opcionais.

A aplicação permitia aos alunos usarem o telemóvel para o exercício, através de um QRCode, como se pode ver no Anexo VI.

Foi uma atividade diferente do habitual e de que os alunos gostaram imenso, sendo uma forma mais dinâmica de se fazer uma revisão e tendo-me arrependido de não ter usado este site mais cedo. A verdade é que não o conhecia e foi por acaso que o encontrei.

Tentei sempre ao máximo seguir o modelo do professor cooperante que tinha um estilo próprio e naquela turma resultava bastante, no entanto, acabei por tentar algo novo e correu bem.

Em relação aos resultados, foram positivos. Os alunos responderam a todas as perguntas e foi possível verem as respostas que erraram e as que acertaram, sendo esta uma forma de nunca mais se esquecerem da matéria. (Anexo VII)

2.6. Domínio da educação literária

2.6.1. Conceito de educação literária

A educação literária ocupa um lugar importante na formação de leitores, mais especificamente leitores literários. Este domínio é capaz de dar ao leitor um conjunto de saberes culturais, literários e sociais.

O domínio da educação literária pode ser visto como uma motivação para a leitura, devendo dar-se a oportunidade aos alunos de perceberem os aspetos paratextuais da obra literária que vão ler, ou seja, a capa, a contracapa, o prefácio e o posfácio, as dedicatórias e os agradecimentos.

Balça & Azevedo (2017) referem a conceção de educação literária, inserido no *Programa e Metas Curriculares de Português* (2015), como: “O domínio da Educação Literária [...] vem dar mais consistência e sentido ao ensino da língua, fortalecendo a associação curricular da formação de leitores com a matriz cultural e cidadania.” Não podemos estar mais de acordo, já que a educação literária é fundamental no ensino da língua portuguesa. “O trabalho com a Literatura

contribui, em diversos âmbitos, para uma maior competência e um melhor desempenho dos alunos na atualização da sua língua materna” (Balça & Azevedo, 2017, p. 139).

2.6.2. Atividade proposta para o domínio da educação literária

Atividade 1 – O conhecimento prévio na pré-leitura

Na aula do dia três de março, introduziu-se a obra *Memorial do Convento*. O início da aula consistiu na recolha de informação sobre o nível de conhecimento, por parte dos alunos, da obra e do autor.

Para introduzir a obra, iniciou-se a aula com um momento dedicado à mobilização dos conhecimentos prévios, em que se questionaram os alunos sobre o que sabiam acerca de José Saramago, e eles demonstraram ter conhecimento sobre o mesmo, apresentando variadas respostas. De seguida, recorreu-se à apresentação de um *PowerPoint* (Anexo VIII) com a seguinte frase: “Não sou pessimista, o mundo é que é péssimo” (José Saramago). Pretendia-se saber a opinião dos alunos sobre a afirmação e gerar um pequeno debate. Eles mostraram-se participativos e até relacionaram a frase com os tempos que vivemos, até porque a invasão da Ucrânia pela Rússia acontecera há poucos dias.

Após o debate, procedeu-se à apresentação de partes de um vídeo disponibilizado pela RTP Ensina, “Grandes Livros – Memorial do Convento de José Saramago”, sobre a vida e a obra do escritor. Os alunos mostram-se sempre entusiasmados com a visualização de vídeos.

De seguida, já com o livro *Memorial do Convento* presente, começámos por abordar a capa e a contracapa, tendo sido partilhado em *PowerPoint* a imagem das mesmas. Lá estavam presentes as linhas de ação da obra e, assim, permitiu-se aos alunos ficarem com uma noção da história.

Continuámos com a contextualização histórica da obra, através de um vídeo da Escola Virtual “Absolutismo Régio em Portugal: o exemplo de D. João V” e da apresentação de um *PowerPoint*.

Todas estas atividades de pré-leitura foram pensadas com o objetivo de despertar interesse na obra, de ativar o conhecimento prévio dos alunos. As estratégias utilizadas basearam-se nas ideias do livro *Questões Atuais da Educação em Línguas*: “são de realçar as estratégias de exploração dos elementos paratextuais, com particular destaque para o texto gráfico/icónico da capa, título da obra, a autoria, elementos estimuladores da configuração de um determinado horizonte de expectativas” (Azevedo & Balça, 2016, p. 83) e também numa perspetiva que é muito

frequente em França e que Mello (1998) apresenta deste modo: colocar os alunos em contacto com o livro, analisar a capa, o título, o prefácio e que isso resulte em despertar no leitor o desejo de ler aquele livro.

A seguir, os alunos realizaram o questionário do manual (Anexo IX) Essas questões consolidavam tudo aquilo que já tinha sido abordado na aula. Realizámos a correção oralmente e em conjunto, pedindo novamente e aleatoriamente a alguns alunos que dessem a sua resposta, pois esta é uma estratégia para os deixar atentos, porque sabem que é habitual o professor orientador utilizar esse método nas aulas.

Na parte final da aula, deu-se início à leitura de excertos do capítulo I e a respetiva análise e foi abordada a relação distante do rei e da rainha, aproveitaram-se os excertos que referem os momentos dos atos sexuais dos mesmos, para se articular com a educação sexual e questionar os alunos se lhes parecia normal a forma fria como o ato sexual é descrito.

A parte final que surge na descrição desta aula tinha como objetivo inicial fazer parte da aula seguinte, mas, como a aula acabou por ser mais rápida, foi preciso optar por iniciar a leitura da obra.

O exercício de mobilização dos conhecimentos prévios foi pensado com alguma ponderação, pois ela é crucial numa fase de pré-leitura e de leitura. Considera-se essencial para o processo de compreensão do conhecimento prévio. Esse conhecimento é composto pelo conhecimento do mundo, pelo conhecimento linguístico e pelo conhecimento textual. De facto, tudo o que estava armazenado na memória do leitor irá ser ativado no momento da leitura.

Posto isto e com o que foi apresentado em cima, pretendeu-se trazer para a aula aquilo que os alunos já sabiam sobre o autor, todas as características que conheciam dele e as obras que leram do mesmo. Este exercício acabou por ser feito ao longo de toda a aula, também na contextualização da obra e, sendo uma turma que tinha a disciplina de História, conseguiram facilmente fazer essa relação e prever aquilo que podia vir na obra, dada a época que *Memorial do Convento* retrata.

Quando se lançou a frase que José Saramago um dia pronunciou, e se pediu que os alunos se pronunciassem, de maneira a criar um debate e uma troca de ideias, o objetivo foi

perceber se os alunos tinham estado atentos na aula anterior, onde foram apresentadas as características do debate, pois é crucial para eles ter a capacidade de argumentar, apresentar os seus pontos de vista e dar exemplos.

O momento em que se apresentou a capa do *Memorial do Convento* é por perceber que a capa de um livro tem bastante importância na fase de pré-leitura, como refere Carvalho (2008, p. 14): “Ela faz a ligação com o interior do livro e cria o ambiente para a narrativa.” A contracapa também inclui informações cruciais, neste caso apresenta as linhas de ação da história.

O vídeo apresentado, “Absolutismo régio em Portugal: o exemplo de D. João V”, que contém a contextualização da obra, surge no sentido de facilitar a aprendizagem. *Memorial do Convento* que, como referem Bernardes & Mateus (2013), representa os casos mais significativos dos

contextos no estudo da literatura, visto que se trata de textos em cujo estudo, para além de interessar, como em qualquer outra obra, o conhecimento das circunstâncias de que se rodeou a sua produção, está em causa interpretar universos de ficção em que factos reais são convocados para o universo estético-literário, que deles faz matéria de primeira importância na construção narrativa ou dramática.

A utilização de vídeos interativos resulta muito bem nesta turma, pois os seus alunos dispersam, rapidamente se o ritmo da aula for sempre o mesmo. As tecnologias despertam neles estímulos que auxiliam no processo cognitivo.

Os exercícios do manual no domínio da oralidade foram o consolidar daquilo que já tínhamos discutido na aula. Os alunos responderam facilmente e de forma assertiva, considerando assim que os compreenderam a informação transmitida até ao momento.

Na análise do capítulo I do *Memorial do Convento*, seleccionaram-se os excertos mais pertinentes, onde é apresentada a relação do rei e da rainha, a desvalorização sexual feminina, e o preconceito social.

Pretendeu-se também sensibilizar os alunos para o facto de, felizmente, a mulher já não ser vista como algo que serve apenas para gerar filhos. Foi bastante interessante esta reflexão numa turma com muitos rapazes, pois foram eles os primeiros a referir que tinham sido tempos muito infelizes para as mulheres e que não concordavam com a maneira como a mulher era então tratada.

2.7. Domínio da escrita

2.7.1. Processo de escrita

A expressão escrita corresponde a um processo complexo de produção de comunicação escrita. Se considerarmos a escrita como um instrumento de aprendizagem, percebemos que, através da escrita, podemos construir uma reflexão sobre o conhecimento adquirido.

Baseado nas três grandes componentes do processo de escrita representado no modelo de Flower & Hayes (1981) – planificação, redação e revisão, Carvalho (2011, pp. 74-77) esclarece estas componentes, definindo a planificação como o ato de “planificar o texto que implica considerar as estruturas próprias do género, gerar e organizar o seu conteúdo, adaptá-lo a uma finalidade e a um recetor, com os problemas que são inerentes a cada um deles”; definindo a redação como “capacidade de detetar, num plano mental, elementos comuns a duas ou mais proposições e pela posse de mecanismos linguísticos que tornem possível a sua expressão de forma linear”; e referindo que a revisão é diferente conforme o nível de escolaridade, pois as crianças não têm a capacidade de se colocar na posição do outro, considerando que “rever exige a confrontação de duas representações, a comparação entre o texto existente, já escrito ou não, e o texto pretendido, a colocação de quem escreve no papel do alocutário, tudo isto a um nível abstrato”.

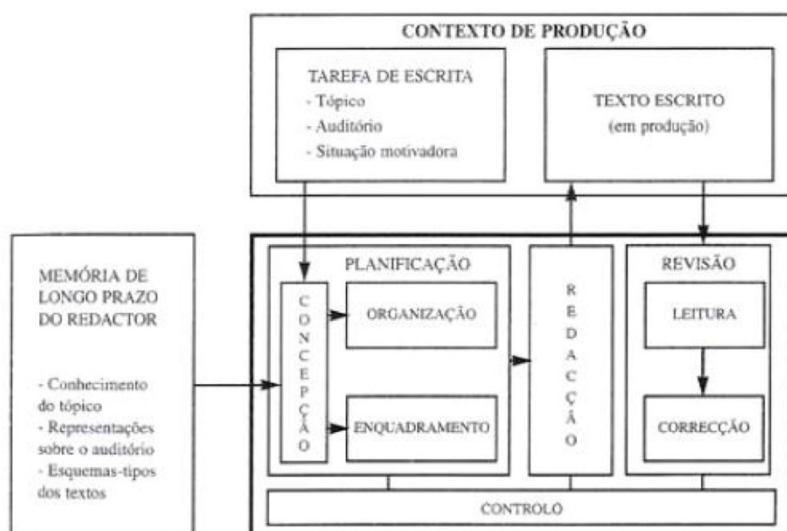


Figura 4 – Modelo do processo de escrita (Flower & Hayes, 1981 *in* Carvalho, 1999, p. 56)

2.7.2. Atividade proposta para o domínio da escrita

Atividade 1 - Texto de opinião

Na aula do dia trinta de março, foi projetado um *PowerPoint* (Anexo X) com a estrutura e as características do texto de opinião. Os alunos já estavam ambientados ao modelo, mas foi pertinente rever os moldes de realização.

De seguida, foi-lhes pedido que resolvessem um exercício do domínio da escrita e que aplicassem aquilo que tínhamos acabado de estudar. O exercício consistia em ler um excerto do capítulo analisado em aula, tendo de fundamentar o seu ponto de vista e de referir a importância da honestidade na vida do ser humano. Era importante que, independentemente do seu ponto de vista, eles percebessem que tinham de seguir as regras do texto de opinião, nomeadamente argumentar. Era uma turma que gostava de expressar a sua opinião e sentimentos com temas que lhes interessassem, mas por vezes entusiasmavam-se demasiado. Então referi que cada um tinha direito à sua opinião, desde que devidamente fundamentada. Acabou por se tornar um momento bastante dinâmico, no entanto a dificuldade deles era colocar no papel o que pensavam.

As aulas eram de 50 minutos e, como tal, apercebi-me de que os alunos não iriam conseguir realizar a parte prática, pois acabámos por passar muito tempo a debater o assunto. Isso acabou por ser uma mais-valia, porque percebi que o ideal era seguir o modelo tridimensional da escrita, a planificação, a revisão e o aperfeiçoamento do texto (Anexo XI), que surgiu na aula seguinte desta sequência.

Considero que foram aulas que tiveram um balanço positivo, pois foi possível colocar os alunos a escrever, a argumentar, a dar a sua opinião e isso é sempre produtivo. O facto de haver pouco espaço para os momentos de escrita não permitiu que os alunos acabassem o texto na aula, pois os programas têm de ser cumpridos, sobretudo numa turma de 12.º ano que terá exame nacional.

Atividade 2 – Escrita Livre

Nesta atividade, os alunos teriam apenas o momento da aula para realizar a atividade, que era o momento da escrita livre, visto que eles já tiveram a rigidez no texto de opinião. Decidi dar-lhes um momento mais relaxante e sem preocupações.

Os alunos tinham que se focar em algum tema e pôr no papel vocabulário que associassem a isso, durante 10 minutos, através de palavras soltas, sem qualquer tipo de ordem. Depois deste tempo, partilharam os seus rascunhos, o que permitiu que os colegas pudessem dar sugestões de mais palavras ou frases a colocar no momento da escrita. Isto permitiu que eles

comparassem ideias e adicionassem mais informações ao seu texto, tendo em conta que o foco era no conteúdo.

Posto isto, os alunos tiveram mais 15 minutos para escreverem um pequeno texto, o tema era totalmente livre, mas o ideal era escolherem algo que permitisse a discussão de ideias e pertinente. Sugeri “Bullying na escola, alterações climáticas, desigualdade social e a fome” (Anexo XI). No final, cada um partilhou o seu texto com os colegas.

Muitos alunos têm receio de fazer comentários sobre os textos dos colegas e sobre as suas ideias, então disponibilizei em *PowerPoint* sobre a importância de o fazerem. (Anexo XII)

2.8. Domínio da oralidade

2.8.1. A oralidade na aula de Português

A oralidade é a primeira capacidade que se possui e se domina de forma espontânea. Talvez seja por isso o domínio mais desvalorizado, pois qualquer pessoa chega à escola já a saber falar bastante bem, mas a oralidade não se restringe só ao simples ato de falar.

Amor (1995, p. 67) considera que “a condição fundamental para a aquisição/aperfeiçoamento de competências numa língua é o seu uso comunicativo, ‘aprende-se a falar, falando’”. No entanto, não é tão simples quanto isso, aliás Reis (2009, p. 16) (citado por Machado, 2016, p. 97) refere que “Esta competência implica a mobilização de saberes linguísticos e sociais e pressupõe uma atitude cooperativa na interação comunicativa, bem como no conhecimento dos papéis desempenhados pelos falantes em cada tipo de situação”. Posto isto, compreendemos que a oralidade não é simplesmente o ato de falar, mas reúne conhecimento e também consciência daquilo que se vai verbalizar.

Como já foi referido, a escola tem o papel importante de preparar os alunos para a vida e, em vários momentos, as nossas técnicas de comunicação vão ajudar, por exemplo, numa entrevista de emprego ou até num debate, em que temos de mostrar a nossa capacidade de argumentação. São competências que devem ser praticadas em contexto escolar e também em diferentes contextos.

Para Ferraz (2007), não há uma estratégia específica para se ensinar o domínio da oralidade, pois tudo depende dos recursos e da população discente, pelo que o ideal é que “sejam proporcionadas oportunidades para que se aprenda a escutar, para que se seja capaz de identificar as intenções comunicativas de quem fala, ou para falar de modo que os outros entendam”. Independentemente da atividade de domínio oral que se ponha em prática, é preciso “sempre

tempo de preparação, de execução e de reflexão sobre os resultados obtidos” (Ferraz, 2007, p. 33).

Os alunos devem ter “oportunidade de expor, argumentar, analisar e avaliar as intervenções dos outros” (Machado, 2016, p. 97), já que através disto conseguem adquirir mais confiança e alargar o próprio léxico.

2.8.2. Atividades propostas para o domínio da oralidade

Atividade 1 – Análise do cartoon

A aula do dia onze de maio começou com uma apresentação de um cartoon (Anexo XIV), com o objetivo de colocar a turma a relacionar a imagem com os capítulos XVIII e XIX, também se pretendeu que eles percebessem a grande mensagem desses capítulos, que é mostrar o sofrimento e o sacrifício do povo.

Foram feitas questões como “O que representa este cartoon?” e, após os alunos darem respostas como “sofrimento, dor”, perguntei “o sofrimento de quem?”, conseguimos chegar à resposta final que era o sofrimento do povo.

Atividade 2 - Competência comunicativa

Na aula do dia quatro de março, realizou-se uma atividade destinada à oralidade. Lancei a questão: “Seria saudável ou perigoso termos a capacidade de Blimunda?” (Anexo XV). Através desta questão, foi solicitado aos alunos que expressassem os seus pontos de vista, fundamentassem e, desta forma, criassem um debate, no qual respeitassem todas as opiniões. As aulas devem ser um espaço de partilha e discussão. O objetivo é praticarem a competência comunicativa, até porque concordo que “aprende-se a falar falando”. Isto vai para além das aulas em que o aluno quando intervém é para responder e isso não cria um diálogo.

Como refere Emília Amor (s./d.) é no momento oral que há mais espontaneidade e expressividade. É precisamente no debate que isso acontece, pois apresentam-se vários contra-argumentos.

No programa de Língua Portuguesa do Ensino Secundário prevê-se que “sejam criados espaços de interação verbal, através de diálogos, discussões e debates”. (Ferraz, 2007). Parece-me uma atividade adequada e pertinente, pois foi uma forma de colocar os alunos a pensarem

nos poderes de Blimunda, também a colocarem-se no lugar dela e assim expressarem a sua opinião oralmente, pois já o teriam feito de outra forma que foi o caso do texto de opinião.

2.9. Domínio da gramática

2.9.1. O ensino da gramática

A gramática é muitas vezes desvalorizada pelos alunos, pois questionam a sua importância e utilidade no dia a dia, no entanto, Silva (2006) declara que a gramática é de tal forma importante, ao ponto de influenciar o sucesso na leitura, na escrita e na comunicação oral.

Sim-Sim *et alii* (1997, p. 12), entendem por conhecimento explícito “a progressiva consciencialização e sistematização do conhecimento implícito no uso da língua. Um ponto relevante que as autoras referem é a importância do conhecimento explícito aliado ao conhecimento implícito, em que, a partir do implícito, rapidamente reconhecem as dificuldades que têm com a língua materna. Consideram que este domínio deve ser concebido como uma atividade de descoberta, em que é exigido aos alunos um “treino de observação, classificação de dados e formulação de generalizações quanto ao comportamento dos mesmos, ele constituirá uma excelente propedêutica à atitude de rigor na observação e compreensão do real exigida noutras disciplinas curriculares”. Ferraz (2007) também apresenta o seu contributo e afirma que o conhecimento explícito da língua corresponde a um meio ao serviço de aquisição e desenvolvimento da competência de comunicação, mas a sua aquisição é também considerada um fim em si mesmo pelo desenvolvimento das potencialidades cognitivas que desencadeia.

Quanto à gramática escolar, Silva (2006, p. 64) refere que esta gramática se baseia nas teorias linguísticas, nos documentos reguladores do ensino da língua e são específicas para a pedagogia, e ainda “estabelecem um público-alvo de acordo com os ciclos e os níveis de escolaridade [...] apostando em esquemas de descrição e exercitação; apresentam um discurso normativo e sugerem a importância dos saberes gramaticais para as práticas comunicativas.”

O ensino da gramática na aula de língua materna deve passar pelo método da descoberta sugerido por Duarte (1998, p. 119) que se deve organizar em quatro fases: numa primeira fase, o professor escolhe e estuda o ponto gramatical a ser trabalhado, onde organiza os “dados linguísticos”; segue-se o momento dos alunos que iriam analisar e descrever esses mesmos dados; parte-se para a realização de exercícios e, por fim, é feita a “avaliação dos conhecimentos aprendidos sobre o tópico gramatical estudado” (citado por Silva, 2006, p. 124)

2.9.2. Atividade proposta para o domínio da gramática

Atividade 1 – Solidificar a gramática

Através do inquérito já referido, os alunos demonstraram ter dificuldade no domínio da gramática. Portanto, preparei uma aula para o dia dezassete de março, com uma das partes em que os alunos referiram ter mais necessidades e que surge sempre nos exames nacionais, ou seja, o estudo das orações.

Porque esta é uma turma que, por vezes, não leva o manual para a aula, decidiu-se colocar, na própria ficha de trabalho, uma parte do bloco informativo do manual. Fez-se uma breve revisão, que serviu como um consolidar da gramática, pois nenhum conteúdo é dado pela primeira vez neste ano escolar, e mal os os alunos se sentiram preparados, entregaram-se as fichas (Anexo XVI).

Foram reunidas várias perguntas dos exames que originaram esta ficha de trabalho, retirada em geral do site: <https://iave.pt/provas-e-exames/arquivo/arquivo-provas-e-exames-finais-nacionais-es/>.

Os alunos, por vezes, não entendem o papel da gramática e muitos justificam que não serve para nada, através do inquérito entregue aos alunos, foi possível aferir isto mesmo, na questão “Qual foi a matéria que mais te desmotivou?”, em que metade da turma escolheu o domínio da gramática. Como refere Silva (2016, p. 140), “A gramática ensina o uso correto da língua, ensina a pensar de modo lógico, forma o espírito, fornece um conjunto de conceitos para se compreender o fenómeno ‘linguagem’, problematiza a norma linguística, melhora a capacidade de expressão escrita”. Ferraz (2007, p. 39). É possível então verificar o valor da gramática e tentar passar isso aos alunos, para que eles não vejam este domínio como um quebra-cabeças: “fica, então, validada a pertinência, no campo do ensino do Português, da área do ensino formal da língua, ao mesmo tempo que se justifica o seu estatuto na promoção de capacidades, competências e atitudes reflexivas perante a língua materna e humana.” (Silva, 2016, p. 140)

2.10. Conclusões das atividades

Na sequência do que foi apresentado, é possível verificar que o estágio passou por momentos menos fáceis, que vão ser referidos em baixo e outros que decorreram de forma mais acessível.

As estratégias utilizadas principalmente nos momentos de leitura permitiram perceber que não se deve utilizar sempre o mesmo método, pois isso não resultou em todas as aulas, os alunos não conseguiram estar sempre motivados e abordar a mesma obra durante algum tempo, como foi o caso do *Memorial do Convento*, que pode ser um pouco cansativo. Na gramática, o modelo seguido pode não ter sido o mais adequado e hoje a professora estagiária faria de forma totalmente diferente. A gestão do tempo, numa fase inicial, também foi algo que falhou e que teve que se improvisar com outras tarefas, o que não foi de todo o ideal.

No entanto, os momentos de leitura também foram importantes, sendo que o principal objetivo sempre foi tornar os alunos leitores autónomos, críticos e preparados para compreender qualquer texto. Alguns momentos foram mais dinâmicos, como nos momentos de pré-leitura em que analisamos com calma os aspetos paratextuais. Na leitura dos textos, o professor funcionou como uma espécie de maestro que orientava a leitura em voz alta.

Em geral, o estágio teve dois lados e isso faz parte deste percurso, pelo que, claramente, hoje seria tudo muito diferente, mas ser professor é uma profissão com momentos imprevisíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações Finais

Este relatório é o culminar de um processo longo e de muito trabalho que me irá levar ao meu grande objetivo, que é ser professora de Português. Foi uma experiência fundamental, motivadora e estimulante, uma vez que o estágio decorreu numa escola importante para mim. Sem dúvida, uma etapa final enriquecedora, de muita aprendizagem, onde pude colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo da formação em ensino, e, ainda, desenvolver um conjunto de competências imprescindíveis ao seu exercício.

O que foi realizado em sala de aula, desenvolveu-se através do Projeto de intervenção, denominado “Ensinar Português através de textos literários”, com enfoque na leitura, ao desenvolver competências literárias. Procurou-se executar práticas de leitura em voz alta e esse acabou sendo um ponto relevante pois, pelas suas características, tentei comprovar o papel essencial desta prática para a formação dos alunos, tanto a nível pessoal quanto escolar. A prática da leitura em voz alta exige uma relação e uma aproximação daquele que lê com aquele que ouve.

Na fase da pré-intervenção existiu um período de observação das aulas do professor cooperante, em que foi possível ter o meu primeiro contacto com os alunos e com a profissão. Houve muitos momentos de partilha de ideias, tanto entre mim e o professor cooperante, quanto entre mim e os próprios alunos.

A turma que me foi apresentada para realizar o meu estágio foi do 12.º ano e isso, inevitavelmente, deixou-me com alguma ansiedade, que surgiu do confronto com a realidade da profissão, bem como do grau de exigência imposto. Contudo, posso concluir que não poderia ter tido maior desafio e que isso me fortaleceu bastante, pois este é um nível que exige muita prática e alguma experiência.

Tanto o estágio quanto a realização deste relatório permitiram perceber tudo o que posso melhorar, nomeadamente o nervosismo e o à vontade, que acaba por fazer parte de qualquer primeira experiência, mas também aquilo que fiz bem e o caminho que quero seguir enquanto professora.

Por outro lado, é importante referir que como já mencionei tratou-se de uma turma do 12.º ano, em que há exame nacional. Claro que isto acaba por condicionar muitas intervenções e algumas atividades, mais o facto de a turma ter apenas blocos de 50 minutos, quebrava por vezes o ritmo das tarefas.

Para além do que já referi, grande parte das intervenções foram com a obra *Memorial do Convento*, uma obra literária extensa e com um grau de complexidade elevado. *Memorial do Convento*, como referem Bernardes & Mateus (2013), representa os casos mais significativos dos

contextos no estudo da literatura, visto que se trata de textos em cujo estudo, para além de interessar, como em qualquer outra obra, o conhecimento das circunstâncias de que se rodeou a sua produção, está em causa interpretar universos de ficção em que factos reais são convocados para o universo estético-literário, que deles faz matéria de primeira importância na construção narrativa ou dramática.

Como referi inicialmente, um dos grandes problemas na leitura é a compreensão, o que acontece é que os problemas dos alunos na leitura de uma obra como *Memorial do Convento*, são muito mais difíceis de resolver, pelo que Mello (1998, p. 321) acrescenta: “do ponto de vista de uma teoria pragmática da leitura, do que os considerados na maioria dos estudos que consultámos e que se centram na leitura escola de textos pouco longos”.

Um número baixo possui competências necessárias para a leitura e a maioria não sabe desenvolver estratégias mentais de compreensão dos textos necessárias à realização dos variados tipos de leitura escola. (Mello, 1998, p. 325)

Todos estes fatores fizeram com que o foco fosse ainda maior nas tarefas de leitura e os domínios da gramática e da escrita fossem reduzidos e tivessem menos tempo dedicado.

Observando na íntegra o que referi anteriormente, é possível verificar que tudo isto foi crucial para mim, para o meu crescimento pessoal e profissional. Ser estagiário é errar e aprender, pois o que aconteceu ensinou-me alguma coisa, no sentido do que fazer ou não fazer.

Aprendi que a relação professor-aluno é fundamental, tanto para o bem como para o mal. Está mais do que provado o impacto desta relação e o quão pode ser benéfica na motivação para ir para a escola e na própria aprendizagem. Mantive sempre respeito pelos alunos e prestei atenção às suas dúvidas e curiosidades. Jamais elevei a voz e também sempre fui bem disposta. Apesar de muitas dificuldades que senti e dos problemas que possa ter tido, estes pontos que referi nunca faltaram. Um professor nunca pode ser o que julga, nem o que critica, mas sim o que ajuda e orienta. Na verdade, “Os investigadores sugerem que a melhoria das relações entre professores e alunos pode ser um caminho poderoso e menos dispendioso para melhorar o sucesso dos alunos” (Lopes & Silva, 2011, p. 63). Hoje, trabalhando na área, percebo o quão importante isto é.

Para Alcarão, a reflexão é uma atividade essencial para a criação de um bom professor,

“considero importante que o professor reflita sobre a sua experiência profissional, a sua acção educativa, os seus mecanismos de acção, a sua praxis, ou por outras palavras, reflita sobre os fundamentos que o levam a agir, e a agir de uma determinada forma.” (Alarcão, 1996, p. 179).

A escola não é um espaço só para aprender, nem o professor deve estar lá só para ensinar a matéria, mas também para ajudar o aluno a perceber capacidades que ele tem e que poderiam estar bloqueadas. Serve para criarmos laços, para termos alguém com quem desabafar e ser um espaço de aprendizagem em todos os aspetos.

Por fim, não podia deixar de agradecer à direção da escola e ao professor cooperante onde realizei a prática pedagógica. Foi muito especial para mim ser professora estagiária, na escola onde estudei, cresci e tanto aprendi. Enfim, deixo a frase de Mário Sérgio Cortella, no livro *Educação, Convivência e Ética: Audácia e Esperança*, que melhor representa a minha reflexão e os meus ideais enquanto futura professora: “Quem educa precisa corrigir sem ofender, orientar sem humilhar. Precisa conviver com essa virtude, que é a piedade.” (Cortella, 2015, p. 69)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Amor, E. (1995). *Didáctica do Português*. Fundamentos e Metodologia. Lisboa: Texto Editora.
- Brandão Carvalho, J. A. (2001). *O ensino da escrita*. Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia. Consultado em: <http://hdl.handle.net/1822/481>.
- Balça, Â & Azevedo, F. (2017) Educação literária em Portugal: os documentos oficiais, a voz e as práticas dos docentes. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 18, n. 37, pp. 131-153. Consultado em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818372017131>
- Balça, Â & Azevedo, F. (2019) Práticas de Educação Literária e de Promoção da Literatura. *Textura*. v.21, n.45, pp.6-29.
- Belo, M., & Sá, C. M. (2005). *A leitura em voz alta na aula de Língua Portuguesa*. Aveiro: Universidade de Aveiro Edições.
- Bernardes, J. C, & Mateus, R. A. (2013). *Literatura e ensino do Português*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Cardoso, J. R. (2013). *O Professor do Futuro*. Lisboa: Editora Guerra e Paz.
- Carvalho, A. (2008) *A capa de livro: o objecto, o contexto, o processo*. Porto: Universidade do Porto.
- Carvalho, J. A. (2001). O ensino da escrita. Em Sequeira, F.; Carvalho, J.A. & Gomes, A. (org.). *Ensinar a escrever: teoria e prática. Actas do Encontro de Reflexão sobre o Ensino da Escrita* (pp. 73- 92). Braga: Instituto de Educação e Psicologia disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/481/1/Jos%c3%a9%20Brand%c3%a3o%2073-92.pdf>
- Carvalho, J. A. B. & Barbeiro, L. F. (2013). Reproduzir ou construir conhecimento? Funções da escrita no contexto escolar português. *Revista Brasileira de Educação*, 18(24), 609–792.

Cavalcanti, J.; Martins, M. & Silva, C. (2012). *Ler em família, Ler na escola, Ler na biblioteca: Boas práticas*. Escola Superior de Educação de Pula Frassinetti.

Cortella, M. S. (2015) *Educação, Convivência e Ética, audácia e esperança!* São Paulo: Cortez Editora.

Delindro, F. B & Pereira, M. J. (2021). *Preparar o Exame Nacional*. Português 12. Porto: Areal.

Duarte, I., Ferraz, M.J. & Sim-Sim, I. (1997). *A Língua Materna na Educação Básica Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.

Duarte, I. M. (s./d.). *Ensino da língua portuguesa em Portugal: o texto, no cruzamento dos estudos linguísticos e literários*. Porto: Universidade do Porto.

Ferraz, M. J. (2007). *Ensino da Língua Materna*. Lisboa: Editorial Caminho.

Freire, P. (2003). *Professor sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho D'água.

Giasson, J. (1993). *A Compreensão na leitura*. Porto: Edições Asa.

Lobo, A.R. (2013). *Avaliação de Manuais Escolares de Português* (dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação).

Lopes, J. & Silva, H. S. (2011) *O Professor faz a diferença*. Lisboa: Lidel.

Machacón, J. R., & Mendo, E. B. (2000). Los cuentos de tradición oral como dinamizadores del acto didáctico. In *Didáctica da Língua e da Literatura* (Vol. 2, pp. 816). Coimbra: Almedina.

Machado, I. P. (2016). 'A falar é que a gente se entende': um projeto de promoção de competências no domínio da oralidade. In A. C. Silva (Org.), *Questões Atuais da Educação em Línguas dos domínios do ensino de Português a uma política de língua*. (pp. 95-109). V. N. Famalicão: Edições Húmus.

Martins, M. M. (2009). Eu leio-me, tu lês.me, ele lê. Congresso Internacional de Promoção da Leitura: *Formar leitores para ler o Mundo - Testemunhos* (pp.73-74). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Mello, C. (1996). *O Ensino da Literatura e a problemática dos géneros literários*. Coimbra: Almedina.

Menezes, I. (2010). *Hábitos de leitura de alunos dos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e impacto na aprendizagem: concepções de alunos, professores e professores bibliotecários*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais do 12.º Ano*. Disponível em: <https://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-secundario>.

Nina, I. (2008). *Da leitura ao prazer de ler: contributos da biblioteca escola*. Lisboa: Universidade Aberta.

Nóbrega, S. P. G. (2014). *Leitura e tratamento do texto literário na aula de Português. Espaço(s) e modo(s) de intervenção*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Pennac, D. (1996). *Como um romance*. Porto: Edições Asa.

Queiroz, T. D. (2003). *Dicionário Prático de Pedagogia*. São Paulo: Rideel.

Santos, E., M. (2000). *Hábitos de Leitura em Crianças e Adolescentes*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.

Sardinha, M. G., & Azevedo, F. (2013). *Didática e Práticas.- A Língua e a Educação Literária*. Braga: Opera Omnia.

Sim-Sim, I. (2007). *O Ensino da Leitura: A Compreensão de textos*. Lisboa: Ministério da Educação.

Sim-Sim, I. (2009). *O Ensino da Leitura: A Decifração*. Lisboa: Ministério da Educação.

Sim-Sim, I. Duarte, I. , Ferraz, M. J. (1997), *A Língua Materna na Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação.

Silva, A. C. (2006). *Configurações do ensino da gramática em manuais escolares de português: Funções, organização, conteúdos, pedagogias* (Tese de doutoramento). Braga: Universidade do Minho.

Silva, A. C. (2016) *O domínio da gramática em manuais de Português: método(s), atividades, conteúdos e avaliação*. Revista Portuguesa de Humanidades. Estudos Linguísticos. Braga: Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais.

Silva, A. C. (2016). *Questões Atuais da Educação em Línguas dos domínios do ensino de Português a uma política de língua*. V.N.Famalicão: Edições Húmus.

Soares, M. A. (2003). Em defesa da leitura em voz alta, *In Como motivar para a leitura* (pp. 52-55) Lisboa: Editorial Presença.

OUTROS DOCUMENTOS:

Projeto Educativo da Escola (2021). Disponível em: https://www.ae-fafe.pt/portal/DocsInt/documentos/Projeto%20Educativo%20AEF%202021_2024_final.pdf

ANEXOS

Anexo I – Planificação anual

Conteúdos	Domínios	Objetivos de aprendizagem: Aprendizagens Essenciais	Ações estratégicas/Tarefas a desenvolver	Áreas de competência do PASEO a desenvolver	Monitorização das Tarefas e Recursos	N.º de aulas
1. Recuperação e consolidação de aprendizagens Cesário Verde		(Aprendizagens essenciais desenvolver/consolidar): - Interpretar textos poéticos de Cesário Verde; - Analisar o valor dos recursos expressivos para a construção do sentido dos textos; - Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos; - Realizar a análise sintática com explicitação das funções sintáticas e classificação das orações	(Estratégias que melhor permitem o desenvolvimento /consolidação das aprendizagens; Tarefas a propor aos alunos) - Leitura de poemas e fichas de apoio e textos informativos. - Diálogo vertical e horizontal para compreensão e expressão da oralidade. - Resolução de questionários. - Elaboração de textos com planificação. - Textualização e revisão para aperfeiçoamento; - Elaboração de sínteses, textos expositivos sobre um tema. - Exercícios de gramática.	Linguagens e textos. Informação e comunicação. Pensamento crítico e pensamento criativo. Sensibilidade estética e artística.	(Formas de monitorização dos conhecimentos, capacidades e atitudes e de feedback): - Observação direta da participação oral dos alunos. - Correção de exercícios escritos. - Apresentação de sugestões de correção.	8
2. Fernando Pessoa -	EDUCAÇÃO LITERÁRIA	EDUCAÇÃO LITERÁRIA	- Elaboração de apreciações críticas e textos de opinião a partir de imagens, vídeos, poemas, excertos de poemas.	Linguagens e textos.	- Observação direta da participação	

Poesia do ortónimo (6 poemas): - Contextualização o histórico-literária. - O fingimento artístico. - A dor de pensar. - Sonho e realidade - A nostalgia da infância. - Linguagem, estilo e estrutura.	- Contextualização de textos literários portugueses de Fernando Pessoa. LEITURA ORALIDADE ESCRITA - Texto expositivo GRAMÁTICA - Funções sintáticas - Orações	- Contextualizar textos literários portugueses em função de grandes marcos históricos e culturais. - Mobilizar para a interpretação textual os conhecimentos adquiridos sobre os elementos do texto poético. - Apreciar textos literários. LEITURA - Realizar leitura crítica e autónoma. - Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade. - Ler para apreciar criticamente textos variados. ORALIDADE - Interpretar textos orais de diferentes géneros. - Planificar o texto oral elaborando um plano de suporte, com tópicos, argumentos e respetivos exemplo. - Participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral. - Produzir textos orais com correção e pertinência. ESCRITA - Redigir textos com coerência e correção linguística. - Rever os textos escritos. - Elaborar exposições sobre um tema. GRAMÁTICA - Analisar as funções sintáticas. - Dividir e classificar orações: - Explicitar a coesão e coerência.	- Resolução de exercícios de escolha múltipla, associação, verdadeiro ou falso. - Leitura de diferentes textos e análise comparativa. - Completamento de esquemas. - Seleção e registo de informação relevante para um determinado objetivo. - Análise de poemas a partir de linhas de leitura. - Elaboração de tópicos que sistematizem as ideias-chave de um texto. - Audição de versões musicadas de poemas, comparação entre as canções e os poemas. - Audição de canções e associação da letra das canções a poemas. -	Informação e comunicação. Pensamento crítico e pensamento criativo. Sensibilidade estética e artística. Raciocínio e resolução de problemas.	oral dos alunos. - Correção de exercícios escritos. Confronto de diferentes perspetivas de análise. - Apresentação de sugestões de correção.	16
---	--	---	---	---	---	----

<p>7. Fernando Pessoa – Poesia dos heterónimos: - A questão da heteronímia</p> <p>Alberto Caeiro (2 poemas): - O poeta “bucólico”. - O primado das sensações. - Linguagem, estilo e estrutura.</p> <p>Ricardo Reis (3 poemas): - O poeta “clássico”. - A consciência e a encenação da mortalidade. - Linguagem, estilo e estrutura.</p>	<p>EDUCAÇÃO LITERÁRIA – Heteronímia pessoana</p> <p>LEITURA - Identificação do tema, subtemas, ideias principais e pontos de vista. - Fruição estética</p> <p>ORALIDADE - Debate</p>	<p>EDUCAÇÃO LITERÁRIA - Situar obras literárias em função de grandes marcos históricos e culturais. - Ler e interpretar textos literários. - Apreciar textos literários.</p> <p>LEITURA - Ler e interpretar textos com especificação de sentido global e da intencionalidade comunicativa. Clarificar temas, subtemas, ideias principais e pontos de vista. - Ler para apreciar criticamente textos variados.</p> <p>ORALIDADE - Interpretar textos orais de diferentes géneros. - Planificar intervenções orais. - Participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral. - Produzir textos de opinião com propriedade vocabular e com diversificação de estruturas sintáticas. - Interpretar o(s) discursos(s) do género debate. - Apreciar a validade dos argumentos aduzidos pelos participantes de um debate. - Participar construtivamente em debates em que se explicita e justifique pontos de vista e opiniões, se conside-</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura de poemas e fichas de apoio e textos informativos. - Elaboração de mapas conceituais. - Resolução de fichas formativas. - Elaboração de sínteses. - Exercícios de gramática. - Leitura interpretativa de imagens. - Visionamento de debates, tomada de notas e registo das ideias principais - Produção de debates sobre temas abordados na educação literária. - Identificação de argumentos e contra-argumentos. - Leitura de poemas e fichas de apoio e textos informativos. - Elaboração de esquematizações. 	<p>Linguagens e textos.</p> <p>Saber científico, técnico e tecnológico.</p> <p>Relacionamento Interpessoal.</p> <p>Pensamento crítico e pensamento criativo.</p> <p>Sensibilidade estética e artística.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta da participação oral dos alunos. - Correção de exercícios escritos. - Confronto de diferentes perspetivas de análise. - Apresentação de sugestões de correção. 	<p>24</p>
--	---	---	--	---	---	-----------

<p>Álvaro de Campos (3 poemas): - O poeta da modernidade. - Sujeito, consciência e tempo. - Nostalgia da infância. - O imaginário épico (matéria épica – a exaltação do Moderno - e o arrebatamento do canto). - Linguagem, estilo e estrutura</p>	<p>ESCRITA - Texto expositivo</p> <p>GRAMÁTICA - Valor, temporal, aspetual e modal</p>	<p>rem pontos de vista contrários e se reformulem posições.</p> <p>ESCRITA - Redigir textos com coerência e correção linguística. - Planificar e rever os textos escritos. - Redigir textos de opinião. - Fazer apreciações críticas.</p> <p>GRAMÁTICA - Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português. - Reconhecer a forma como se constrói a textualidade. - Distinguir os valores aspetuais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Resolução de fichas formativas. - Elaboração de sínteses. - Exercícios de gramática. - Leitura interpretativa de imagens. 			
<p>4. Fernando Pessoa, Mensagem (8 poemas): - Sebastianismo.</p>	<p>EDUCAÇÃO LITERÁRIA – Heteronímia pessoana</p>	<p>EDUCAÇÃO LITERÁRIA - Situar obras literárias em função de grandes marcos históricos e culturais. - Ler e interpretar textos literários. - Mobilizar para a interpretação textual os conhecimentos adquiridos sobre os elementos do texto poético. - Apreciar textos literários.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Visionamento de diálogos argumentativos, com identificação das características discursivas. - Identificação de diferenças entre debates e diálogos argumentativos. 	<p>Linguagens e textos.</p> <p>Informação e comunicação.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta da participação oral dos alunos. 	<p>18</p>

<ul style="list-style-type: none"> - O imaginário épico. - Natureza épico-lírica da obra. - Estrutura da obra. - Dimensão simbólica do herói. - Exaltação patriótica. - Linguagem, estilo e estrutura. 	<p>LEITURA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificação do tema, subtemas, ideias principais e pontos de vista. <p>ORALIDADE</p> <ul style="list-style-type: none"> - Debate <p>ESCRITA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Texto expositivo 	<p>LEITURA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade. - Utilizar criteriosamente procedimentos adequados ao registo e ao tratamento da informação. - Ler para apreciar criticamente textos variados. - Ler, em suportes variados, textos de diferentes graus de complexidade argumentativa dos géneros apreciação crítica e artigo de opinião. <p>ORALIDADE</p> <ul style="list-style-type: none"> - Interpretar textos orais de diferentes géneros. - Planificar intervenções orais. - Participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral. - Avaliar, individualmente e/ou em grupo, textos produzidos por si próprio através da discussão de diferentes pontos de vista. - Participar construtivamente em diálogos argumentativos em que se explicita e justifique pontos de vista e opiniões, se considerem pontos de vista contrários e se reformulem posições <p>ESCRITA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Redigir textos com coerência e correção linguística. - Rever os textos escritos. - Redigir textos de opinião. 	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura de poemas e fichas de apoio e textos informativos. - Elaboração de mapas conceituais. - Resolução de fichas formativas. - Elaboração de sínteses. - Exercícios de gramática. - Leitura interpretativa de imagens. 	<p>Pensamento crítico e pensamento criativo.</p> <p>Sensibilidade estética e artística.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Correção de exercícios escritos. - Confronto de diferentes perspetivas de análise. - Apresentação de sugestões de correção. 	
--	---	--	--	---	---	--

	<p>GRAMÁTICA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Valor aspetual e modal. - Mecanismos anafóricos que garantem as cadeias referenciais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Fazer apreciações críticas. <p>GRAMÁTICA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português. - Reconhecer a forma como se constrói a textualidade. - Explicitar aspetos da semântica do português: valor temporal, modal e aspetual. 				
<p>5. José Saramago, <i>Memorial do Convento</i>:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O título e as linhas de ação. - Caracterização das personagens. - Relação entre elas. - O tempo histórico e o tempo da narrativa. - Visão crítica. - Dimensão simbólica. 	<p>EDUCAÇÃO LITERÁRIA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Texto narrativo <p>LEITURA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura integral de <i>Memorial do Convento</i> <p>ORALIDADE</p> <ul style="list-style-type: none"> - Debate 	<p>EDUCAÇÃO LITERÁRIA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Situar obras literárias portuguesas em função de grandes marcos históricos e culturais. - Mobilizar para a interpretação textual os conhecimentos adquiridos sobre os elementos do texto narrativo. - Ler e interpretar textos literários. <p>LEITURA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade. - Expressar, com fundamentação, pontos de vista suscitados por leituras diversas. - Ler para apreciar criticamente textos variados. <p>ORALIDADE</p> <ul style="list-style-type: none"> - Interpretar textos orais de diferentes géneros. - Planificar intervenções orais. - Participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral. - Produzir apreciações críticas de livros, filmes ou de discursos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Visionamento de excertos do documentário Grandes Livros- <i>Memorial do Convento</i>, registo de ideias-chave. - Recolha e tratamento de informação sobre o reinado de D. João V. - Identificação das marcas essenciais do discurso saramaguiano. - Dramatização de excertos textuais do romance. - Leitura excertos textuais e de textos informativos. - Reescrita de passagens do romance. - Resolução de fichas formativas. - Leitura interpretativa de imagens. - Exercícios de gramática. 	<p>Linguagens e textos.</p> <p>Informação e comunicação.</p> <p>Pensamento crítico e pensamento criativo.</p> <p>Desenvolvimento pessoal e autonomia.</p> <p>Relacionamento Interpessoal.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta da participação oral dos alunos. - Correção de exercícios escritos. - Confronto de diferentes perspetivas de análise. - Apresentação de sugestões de correção. 	<p>32 (+ 8)</p>

<p>- Linguagem, estilo e estrutura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a estrutura da obra; - intertextualidade; - pontuação; - recursos expressivos: a anáfora, a comparação, a enumeração, a ironia e a metáfora; - reprodução do discurso no discurso. 	<p>ESCRITA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apreciação crítica <p>GRAMÁTICA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Coerência e coesão - Intertextualidade 	<p>- Expor trabalhos relacionados com temas disciplinares e interdisciplinares, realizados individualmente ou em grupo.</p> <p>ESCRITA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Redigir textos com coerência e correção linguística. - Redigir textos de opinião. - Fazer apreciações críticas. - Rever os textos escritos. - Reescrever textos, fazendo variar a extensão de frases ou segmentos, modificando o ponto de vista. <p>GRAMÁTICA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português. - Reconhecer modalidades da intertextualidade. - Reconhecer diferenciadas formas e reprodução do discurso no discurso. - Distinguir situações estativas e eventos 		<p>Consciência e domínio do corpo.</p>		
<p>6. Contos - Mário de Carvalho- "Famílias desavindas"</p> <ul style="list-style-type: none"> - História pessoal e história social: as duas famílias. - Valor simbólico dos 	<p>EDUCAÇÃO LITERÁRIA</p> <p>LEITURA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apreciação crítica do valor de um texto. 	<p>EDUCAÇÃO LITERÁRIA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ler e interpretar textos literários. - Mobilizar para a interpretação textual os conhecimentos adquiridos sobre os elementos do texto narrativo. <p>LEITURA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ler para apreciar criticamente textos variados. - Desenvolver um projeto de leitura que revele pensamento crítico e criativo, a apresentar publicamente em suportes variados. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação, em público (por exemplo, à turma), do percurso pessoal de leitor, que pode incluir dramatização, recitação, leitura expressiva, relato de histórias, recriação, expressão de reações subjetivas de leitor, apreciação crítica, persuasão de colegas para a leitura de livros; - Exploração de temas interdisciplinares suscitados pelas obras literárias em estudo. 	<p>Relacionamento Interpessoal.</p> <p>Consciência e domínio do corpo. Informação e comunicação.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta da participação oral dos alunos. - Correção de exercícios escritos. 	6

<p>marcos históricos referidos.</p> <ul style="list-style-type: none"> - A dimensão irónica do conto. - A importância dos episódios e da peripécia final. - Linguagem, estilo e estrutura. 	<p>ORALIDADE</p> <ul style="list-style-type: none"> - Debate <p>ESCRITA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Texto expositivo <p>GRAMÁTICA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Processos irregulares de formação de palavras 	<p>ORALIDADE</p> <ul style="list-style-type: none"> - Planificar intervenções orais. - Participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral. <p>ESCRITA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Redigir apreciações críticas. - Rever os textos escritos. - Elaborar textos sobre temas interdisciplinares. <p>GRAMÁTICA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer processos irregulares de formação de palavras. - Avaliar um texto em função das propriedades que o configuram (processos de coesão e coerência). 	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura excertos textuais e de textos informativos. - Elaboração de um miniconto. - Resolução de fichas de interpretação textual. - Exercícios de treino gramatical. 	<p>Pensamento crítico e pensamento criativo.</p> <p>Sensibilidade estética e artística.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Confronto de diferentes perspetivas de análise. - Apresentação de sugestões de correção. 	
<p>7. Poetas contemporâneos - 2 poemas de Miguel Torga, Eugénio de Andrade Ana Luísa Amaral:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Representações do 	<p>EDUCAÇÃO LITERÁRIA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Poesia portuguesa do séc. XX <p>LEITURA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificação do tema, subtemas, ideias principais e pontos de vista. 	<p>EDUCAÇÃO LITERÁRIA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Situar obras literárias em função de grandes marcos históricos e culturais. - Ler e interpretar textos literários. - Mobilizar para a interpretação textual os conhecimentos adquiridos sobre os elementos do texto poético. - Apreciar textos poéticos. <p>LEITURA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ler e interpretar textos de diferentes géneros e graus de complexidade. - Utilizar procedimentos adequados ao registo e ao tratamento da informação. - Ler para apreciar criticamente textos variados. 	<ul style="list-style-type: none"> - Audição de poemas musicados. - Elaboração de textos poéticos. - Verificação de marcas de intertextualidade. - Resolução de questionários interpretativos. - Exercícios de gramática. 	<p>Linguagens e textos.</p> <p>Desenvolvimento pessoal e autonomia.</p> <p>Informação e comunicação.</p> <p>Pensamento crítico e</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Observação direta da participação oral dos alunos. - Correção de exercícios escritos. - Confronto de diferentes perspetivas de análise. 	18

<p>contemporâneo.</p> <p>- Tradição literária.</p> <p>- Figurações do poeta.</p> <p>- Arte poética.</p> <p>- Linguagem, estilo e estrutura.</p>	<p>- Fruição estética.</p> <p>ORALIDADE - Apreciação crítica.</p> <p>ESCRITA - Sínteses</p> <p>GRAMÁTICA - Valor aspetual</p>	<p>ORALIDADE</p> <ul style="list-style-type: none"> - Interpretar textos orais de diferentes géneros. - Planificar intervenções orais. - Participar oportuna e construtivamente em situações de interação oral. - Produzir textos orais com correção e pertinência. - Produzir textos orais de diferentes géneros e com diferentes finalidades. - Produzir apreciações críticas de livros, filmes ou de discursos. <p>ESCRITA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Redigir textos com coerência e correção linguística. - Redigir sínteses. - Apreciar textos produzidos pelo próprio ou por colegas, justificando o juízo de valor sustentado. <p>GRAMÁTICA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Construir um conhecimento reflexivo sobre a estrutura e o uso do português - Rever e consolidar conhecimentos gramaticais. 		<p>pensamento criativo.</p> <p>Sensibilidade estética e artística.</p>	<p>- Apresentação de sugestões de correção.</p>
---	--	--	--	--	---

<p style="text-align: center;">Ensino de Português</p> <p style="text-align: center;">Ano de escolaridade: 12.º ano</p> <p style="text-align: center;">Inquérito sobre hábitos de leitura e escrita dos alunos</p>

Inserido no âmbito do ano de estágio do Mestrado em Ensino de Português no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, o presente inquérito visa recolher informações para a intervenção dos professores estagiários. As questões a que irás responder não são para efeitos de avaliação, mas para nos ajudar a conhecer a tua realidade de leitor/escritor e os teus hábitos de leitura/escrita.

Agradecemos a vossa participação e colaboração.

Idade: _____ Sexo: Feminino Masculino

I. A aula de Português

1) Gostas da disciplina de Português? Justifica.

2) Qual foi a matéria que mais te motivou? Justifica.

3) Qual foi a matéria que mais te desmotivou? Justifica.

4) Do teu ponto de vista, de que maneira o professor de português poderia tornar a aula mais cativante?

5) Na tua opinião, que método o professor de português deveria usar para que a participação dos alunos fosse interativa?

II. Leitura

1) Gostas de ler?

- Gosto muito
- Gosto
- Não gosto
- Não gosto nada

2) Com que frequência costumás ler?

- Todos os dias
- Mais de 3 vezes por semana
- Uma vez por semana
- Esporadicamente
- Nunca
- Leio textos em formato digital

3) Quando lêes, quanto tempo dedicas a esta prática?

- Mais de 3 horas
- Entre 2 a 3 horas
- Entre 1 a 2 horas
- Menos de uma hora

4) O que consideras que influenciou (com maior relevo) a tua posição face à leitura?

- A família
- A escola
- O grupo de amigos
- Outro. Qual?

5) Assinala o tipo de livros que mais te agradam (escolhe no máximo três opções):

- Banda desenhada
- Diários
- Biografias
- Policiais
- Ficção científica
- Romances
- Contos
- Aventuras
- Ciência
- Técnicos
- Saúde/doença
- Arte
- Animais/natureza/
Planeta Terra
- Outros

III. Escrita

Para cada uma das questões seguintes escolhe a(s) hipótese(s) de resposta que consideradas mais adequada.

1) Escrever para ti é uma atividade:

- Desagradável
- Indiferente
- Agradável
- Muito agradável
- Boa
- Muito boa

2) Em que local praticas a escrita?

- Escola
- Casa
- Outro. Qual?

3) Conheces e aplicas o processo tridimensional da escrita (planificação, textualização e revisão)?

- Sim, conheço, mas não aplico.
- Sim, mas só recorro a ele às vezes.
- Sim, pois utilizo-o no momento da escrita.
- Não conheço e, por isso, não o aplico.

4) Das afirmações que se seguem, seleciona as que correspondem às ações que tomas no momento da prática da escrita:

- Faço um plano prévio e posteriormente, realizo um rascunho até obter o meu texto final corrigido.
- Faço a planificação e escrevo o texto final.
- Começo a escrever sem antes organizar as minhas ideias, mas, no final, aperfeiço o texto.

5) Que dificuldades sentes quando escreves?

- Organizar as minhas ideias.
- Ter ideias.
- Saber como estruturar o meu texto.
- Iniciar a escrita.
- Outras. Quais?

6) Como classificas a tua competência na escrita?

- Muito boa
- Boa
- Razoável
- Má
- Muito má

Universidade do Minho, 16 de dezembro de 2021
Professora estagiária: Joana Macedo

D. João, quinto do nome na tabela real, irá esta noite ao quarto de sua mulher, D. Maria Ana Josefa, que chegou há mais de dois anos da Áustria para dar infantes à coroa portuguesa e até hoje ainda não emprenhou. Já se murmura na corte, dentro e fora do palácio, que a rainha, provavelmente, tem a madre seca, insinuação muito resguardada de orelhas e bocas deladoras e que só entre íntimos se confia. Que caiba a culpa ao rei, nem pensar, primeiro porque a esterilidade não é mal dos homens, das mulheres sim, por isso são repudiadas tantas vezes, e segundo, material prova, se necessária ela fosse, porque abundam no reino bastardos da real semente e ainda agora a procissão vai na praça.

Além disso, quem se extenua a implorar ao céu um filho não é o rei, mas a rainha, e também por duas razões. A primeira razão é que um rei, e ainda mais se de Portugal for, não pede o que unicamente está em seu poder dar, a segunda razão porque sendo a mulher, naturalmente, vaso de receber, há-de ser naturalmente suplicante, tanto em novenas organizadas como em orações ocasionais. Mas nem a persistência do rei, que, salvo dificuldade canónica ou impedimento fisiológico, duas vezes por semana cumpre vigorosamente o seu dever real e conjugal, nem a paciência e humildade da rainha que, a mais das preces, se sacrifica a uma imobilidade total.

Depois de retirar-se de si e da cama o esposo, para que se não perturbem em seu gerativo acomodamento os líquidos comuns, escassos os seus por falta de estímulo e tempo, e cristianíssima retenção moral, pródigos os do soberano, como se espera de um homem que ainda não fez vinte e dois anos, nem isto nem aquilo fizeram inchar até hoje a barriga de D. Maria Ana. Mas Deus é grande.

Quase tão grande como Deus é a basílica de S. Pedro de Roma que el-rei está a levantar. É uma construção sem caboucos nem alicerces, assenta em tampo de mesa que não precisaria ser tão sólido para a carga que suporta, miniatura de basílica dispersa em pedaços de encaixar, segundo o antigo sistema de macho e fêmea, que, à mão reverente, vão sendo colhidos pelos quatro camaristas de serviço. A arca donde os retiram cheia a incenso, e os veludos carmesins que os envolvem, separadamente, para que se não trilhe o rosto da estátua na aresta do pilar, refulgem à luz dos grossíssimos brandões. A obra vai adiantada. Já todas as paredes estão firmes nos enгонços, aprumadas se vêm as colunas sob a cornija percorrida de latinas letras que explicam o nome e o título de Paulo V Borghese e que el-rei há muito tempo deixou de ler, embora sempre os seus olhos se comprazam no número ordinal daquele papa, por via da igualdade do seu próprio.

Em rei seria defeito a modéstia. Vai ajustando nos buracos apropriados da cimalha as figuras dos profetas e dos santos, e por cada uma vez vénia o camarista, afasta as dobras preciosas do veludo, aí está uma estátua oferecida na palma da mão, um profeta de barriga para baixo, um santo que trocou os pés pela cabeça, mas nestas involuntárias irreverências ninguém repara, tanto mais que logo el-rei reconstitui a ordem e a solenidade que convém às coisas sagradas, endireitando e pondo em seu lugar as vigilantes entidades. Do alto da cimalha o que elas vêem não é a Praça de S. Pedro, mas o rei de Portugal e os camaristas que o servem. Vêem o soalho da tribuna as gelosias que dão para a capela real, e amanhã, à hora da primeira missa, se entretanto não regressarem aos veludos e à arca, hão-de ver el-rei devotamente acompanhando.

O santo sacrifício, com o seu séquito, de que já não farão parte estes fidalgos que aqui estão, porque se acaba a semana e entram outros ao serviço. Por baixo desta tribuna em que estamos, outra há também velada de gelosias, mas sem construção de armar, capela fosse ou ermitério, onde apartada assiste a rainha ao ofício, nem mesmo a santidade do lugar tem sido propícia à gravidez. Agora só falta colocar a cúpula de Miguel Ângelo, aquele arrebatamento de pedra aqui em fingimento, que, por suas excessivas dimensões, está guardada em arca à parte, e sendo esse o remate da construção lhe será dado diferente aparato, que é o de ajudarem todos ao rei, e com um ruído retumbante ajustam-se os ditos machos e fêmeas nos mútuos encaixes, e a obra fica pronta. Se o poderoso som, que ecoara por toda a capela, pôde chegar, por salas e extensos corredores, ao quarto ou câmara onde a rainha espera, fique ela sabendo que seu marido vem aí.

Que espere. Por enquanto, ainda el-rei está a preparar-se para a noite.

Despiram-no Os camaristas, vestiram-no com o traje da função e do estilo, passadas as roupas de mão em mão tão reverentemente como relíquias de santas que tivessem trespassado donzelas, e isto se passa na presença de outros criados e pagens, este que abre o gavetão, aquele que afasta a cortina, um que levanta a luz, Outro que lhe modera o brilho, dois que não se movem, dois que imitam estes, mais uns tantos que não se sabe o que fazem nem por que estão. Enfim, de tanto se esforçarem todos ficou preparado el-rei, um dos fidalgos rectifica a prega final, outro ajusta O cabeção bordado, já não tarda um minuto que D. João V se encaminhe ao quarto da rainha. - O cântaro está à espera da fonte.

Mas vem agora entrando D. Nuno da Cunha, que é o bispo inquisidor, e traz consigo um franciscano velho. Entre passar adiante e dizer o recado há vénias complicadas, Elreios de aproximação, pausas e recuos, que são as fórmulas de acesso à vizinhança do rei, e a tudo isto teremos de dar por feito e explicado, vista a pressa que traz o bispo e considerando o tremor inspirado do frade. Retiram-se a uma parte D. João V e o

4

inquisidor, e este diz, Aquele que além está é frei António de S. José, a quem, falando-lhe eu sobre a tristeza de vossa majestade por lhe não dar filhos a rainha nossa senhora, pedi que encomendasse vossa majestade a Deus para que lhe desse sucessão, e ele me respondeu que vossa majestade terá filhos se quiser, e então perguntei-lhe que queria ele significar com tão obscuras palavras, porquanto é sabido que filhos quer vossa majestade ter, e ele respondeu-me, palavras enfim muito claras, que se vossa majestade promettesse levantar um convento na vila de Mafra, Deus lhe daria sucessão, e tendo declarado isto, calou-se D. Nuno e fez um aceno ao arríbido.

Perguntou el-rei, É verdade o que acaba de dizer-me sua eminência, que se eu prometer levantar um convento em Mafra terei filhos, e o frade respondeu, Verdade é, senhor, porém só se o convento for franciscano, e tornou el-rei, Como sabeis, e frei António disse, Sei, não sei como vim a saber, eu sou apenas a boca de que a verdade se serve para falar, a fé não tem mais que responder, construa vossa majestade o convento e terá brevemente sucessão, não o construa e Deus decidirá. Com um gesto mandou el-rei ao arríbido que se retirasse, e depois perguntou a D. Nuno da Cunha, É virtuoso este frade, e o bispo respondeu, Não há outro que mais o seja na sua ordem. Então D. João, o quinto do seu nome, assim assegurado sobre o mérito do empenho, levantou a voz para que claramente o ouvisse quem estava e o soubessem amanhã cidade e reino, Prometo, pela minha palavra real, que farei construir um convento de franciscanos na vila de Mafra se a rainha me der um filho no prazo de um ano a contar deste dia em que estamos, e todos disseram, Deus ouça vossa majestade, e ninguém ali sabia quem iria ser posto à prova, se o mesmo Deus, se a virtude de frei António, se a potência do rei, ou, finalmente, a fertilidade dificultosa da rainha.

D. Maria Ana conversa com a sua camareira-mor portuguesa, a marquesa de Unhão. Já falaram das devoções do dia, da visita feita ao convento das carmelitas descalças da Conceição dos Cardais, e da novena de S. Francisco Xavier, que amanhã principiará em S. Roque, é um falar de rainha e marquesa, jaculatório e ao mesmo tempo lacrimoso quando proferem os nomes dos santos, pungitivo se houver menção de martírios ou sacrifícios particulares de padres e mães, mesmo não excedendo uns e outros a simples maceração do jejum ou a oculta fustigação do cílcio. Mas el-rei já se anunciou, e vem de espírito aceso, estimulado pela conjunção mística do dever carnal e da promessa que fez a Deus por intermédio e bons ofícios de frei António de S. José. Entraram com el-rei dois camaristas que o aliviaram das roupas supérfluas, e o mesmo faz a marquesa à rainha, de mulher para mulher, com ajuda doutra dama, condessa, mais uma camareira-mor não menos graduada que veio da Áustria, está o quarto uma assembleia, as majestades fazem mútuas vénias,

5

nunca mais acaba o cerimonial, enfim lá se retiram os camaristas por uma porta, as damas por outra e nas antecâmaras ficarão esperando que termine a função, para que regresse el-rei acompanhado ao seu quarto, que foi da rainha sua mãe no tempo de seu pai, e venham as damas a este aconchegar D. Maria Ana debaixo do cobertor de penas que trouxe da Áustria também e sem o qual não pode dormir, seja Inverno ou Verão. E é por causa deste cobertor, sufocante até no frio Fevereiro, que D. João V não passa toda a noite com a rainha, ao princípio sim, por ainda superar a novidade ao incômodo, que não era pequeno sentir-se banhado em suores próprios e alheios, com uma rainha tapada por cima da cabeça, recozendo cheiros e secreções.

D. Maria Ana, que não veio de um país quente, não suporta o clima deste. Cobre-se toda com o imenso e altíssimo cobertor, e assim fica, enroscada como toupeira que encontrou pedra no caminho e está a decidir para que lado há-de continuar a escavação da galeria.

- Vestem a rainha e o rei camisas compridas, que pelo chão arrastam, a do rei somente a fimbria bordada, a da rainha bom meio palmo mais, para que nem a ponta dos pés se veja, o dedo grande ou os outros, das impudicícias conhecidas talvez seja esta a mais ousada. D. João V conduz D. Maria Ana ao leito, leva-a pela mão como no baile o cavaleiro à dama, e antes de subirem os degrauzinhos, cada um de seu lado, ajoelham-se e dizem as orações acautelantes necessárias, para que não morram no momento do acto carnal, sem confissão, para que desta nova tentativa venha a resultar fruto, e sobre este ponto tem D. João V razões dobradas para esperar, confiança em Deus e no seu próprio vigor, por isso está dobrando a fé com que ao mesmo Deus impetra sucessão. Quanto a D. Maria Ana, é de crer que esteja rogando os mesmos favores, se porventura não tem motivos particulares que os dispensem e sejam segredo do confessorário.

Já se deitaram. Esta é a cama que veio da Holanda quando a rainha veio da Áustria, mandada fazer de propósito pelo rei, a cama, a quem custou setenta e cinco mil cruzados, que em Portugal não há artifícios de tanto primor, e, se os houvesse, sem dúvida ganhariam menos. A desprevenido olhar nem se sabe se é de madeira o magnífico móvel, coberto como está pela armação preciosa, tecida e bordada de flores e relevos de ouro, isto não falando do dossel que poderia servir para cobrir o papa. Quando a cama aqui foi posta e armada ainda não havia percevejos nela, tão nova era, mas depois, com o uso, o calor dos corpos, as migrações no interior do palácio, ou da cidade para dentro, donde este bichado vem é que não se sabe, e sendo tão rica de matéria e adorno não se lhe pode aproximar um trapo a arder para queimar o enxame, não há mais remédio, ainda não o sendo, que pagar a Santo Aleixo cinquenta réis por ano, a ver se livra a rainha e a nós todos da praga e da

6

coccira. Em noites que vem el-rei, os percevejos começam a atormentar mais tarde por via da agitação dos colchões, são bichos que gostam de sossego e gente adormecida. Lá na cama do rei estão outros à espera do seu quinhão de sangue, que não acham nem pior nem melhor que o restante da cidade, azul ou natural.

D. Maria Ana estende ao rei a mãozinha suada e fria, que mesmo tendo aquecido debaixo do cobertor logo arrefece ao ar gélido do quarto, e el-rei, que já cumpriu o seu dever, e tudo espera do convencimento e criativo esforço com que o cumpriu, beija-lha como a rainha e futura mãe, se não presumiu demasiado frei António de S. José. É D. Maria Ana quem puxa o cordão da sineta, entram de um lado os camaristas do rei, do outro as damas, pairam cheiros diversos na atmosfera pesada, um deles que facilmente identificam, que sem o que a isto cheira não são possíveis milagres como o que desta vez se espera, porque a outra, e tão falada, incorpórea fecundação, foi uma vez sem exemplo, só para que se ficasse a saber que Deus, quando quer, não precisa de homens, embora não possa dispensar-se de mulheres.

Ainda que insistentemente tranquilizada pelo confessor, tem D. Maria Ana, nestas ocasiões, grandes escrúpulos de alma. Retirados el-rei e os camaristas, deitadas já as damas que a servem e lhe protegem o sono, sempre cuida a rainha que seria sua obrigação levantar-se para as últimas orações, mas, tendo de guardar o choco por conselho dos médicos, contenta-se com murmurá-las infinitamente, passando cada vez mais devagar as contas do rosário, até que adormece no meio duma ave-maria cheia de graça, ao menos com essa foi tudo tão fácil, bendito seja o fruto do vosso ventre, e é no do seu ansiado próprio que está pensando, ao menos um filho, Senhor, ao menos um filho. Deste involuntário orgulho nunca fez confissão, por ser distante e involuntário, tanto que se fosse chamada a juízo juraria, com verdade, que sempre se dirigira à Virgem e ao ventre que ela teve. São meandros do inconsciente real, como aqueles outros sonhos que sempre D. Maria Ana tem, vá lá explicá-los, quando el-rei vem ao seu quarto, que é ver-se atravessando o Terreiro do Paço para o lado dos açougues, levantando a saia à frente e patinhando numa lama aguada e pegajosa que cheira ao que cheiram os homens quando descarregam, enquanto o infante D. Francisco, seu cunhado, cujo antigo quarto agora ocupa, alguma assombração lhe ficando, dança em redor dela, empoleirado em andas, como uma cegonha negra. Também deste sonho nunca deu contas ao confessor, e que contas saberia ele dar-lhe por sua vez, sendo, como é, caso omissio no manual da perfeita confissão. Fique D. Maria Ana em paz, adormecida, invisível sob a montanha de penas, enquanto os percevejos começam a sair das fendas, dos refegos, e se deixam cair do alto dossel, assim tornando mais rápida a viagem.

7

porque o padre, parando arredado, lhe fez sinal para que se aproximasse, assim ficando João Elvas na grande estupefacção de ver o seu amigo bafejado pelos ares do Paço e da Igreja, e já pensando se disto poderia vir a tirar proveito um soldado vadio. E para que alguma coisa se fosse adiantando entretanto, estendeu a mão à esmola, primeiro a um fidalgo que de boa maré lhe deu, depois, por distração, a um frade mendicante que passava exibindo uma imagem e oferecendo-a ao ósculo devoto, com o que João Elvas acabou por largar o que tinha recebido. Não me cair um raio em cima, será pecado praguejar, mas alivia muito.

Disse o padre Bartolomeu Lourenço a Sete-Sóis, Falei com os desembarcadores destas matérias, disseram-me que iam ponderar o teu caso, se vale a pena fazeres petição, depois me darão uma resposta, E quando será isso, padre, quis Baltasar saber, ingénua curiosidade de quem acaba de chegar à corte e lhe ignora os usos, Não te sei dizer, mas, tardando, talvez eu possa dizer uma palavra a sua majestade, que me distingue com a sua estima e protecção, Pode falar com el-rei, espantou-se Baltasar, e acrescentou, Pode falar a el-rei e conhecia a mãe de Blimunda, que foi condenada pela Inquisição, que padre é este padre, palavras estas últimas que Sete-Sóis não terá dito em voz alta, só inquieto as pensou. Bartolomeu Lourenço não respondeu, apenas o olhou a direito, e assim ficaram parados, o padre um pouco mais baixo e parecendo mais novo, mas não, têm ambos a mesma idade, vinte e seis anos, como de Baltasar já sabíamos, porém são duas diferentes vidas, a de Sete-Sóis trabalho e guerra, uma acabada, outro que terá de recomeçar, a de Bartolomeu Lourenço, que no Brasil nasceu e novo veio pela primeira vez a Portugal, de tanto estudo e memória que, sendo moço de quinze anos, prometia, e muito fez do que prometeu, dizer de cor todo Virgílio, Horácio, Ovídio, Quinto Cúrcio, Suetónio, Mecenas e Séneca, para diante e para trás, ou donde lhe apontassem, e dar a definição de todas as fábulas que se escreveram, e a que fim as fingiram os gentios gregos e romanos, e também dizer quem foram os autores de todos os livros de versos, antigos e modernos, até ao ano de mil e duzentos, e se alguém lhe dissesse uma poesia, logo responderia a propósito com dez versos seus ali mesmo compostos, e prometia também justificar e defender toda a filosofia e os pontos mais intrincados dela, e explicar a parte de Aristóteles, ainda que extensa, com todos os seus embaraços, termos e meios termos, e responder a todas as dúvidas da Sagrada Escritura, tanto do Testamento Velho como do Novo, repetindo de cor, quer a fio corrido quer salteado, todos os Evangelhos dos quatro Evangelistas, para trás e para diante, e o mesmo das epístolas de S. Paulo e S. Jerónimo, e os anos de profeta a profeta e quantos de vida teve cada um deles, e o mesmo de todos os reis da Escritura, e o mesmo, para baixo e para cima, para a esquerda e para a direita, dos Livros dos Salmos, dos Cantares, do

36

Exodo e todos os Livros dos Reis, e que não são canónicos os dois Livros dos Esdras, como afinal não parecem muito canónicos, diga-se aqui para nós e sem outras desconfianças, este sublime engenho, estas prendas e memória nascidas e criadas em terra de que só temos requerido o ouro e os diamantes, o tabaco e o açúcar, e as riquezas da floresta, e o mais que nela ainda virá a ser encontrado, terra doutro mundo, amanhã e pelos séculos que hão-de vir, sem contar com a evangelização dos tapuias, que só ela nos faria ganhar a eternidade.

Agora me disse aquele meu amigo João Elvas que tendes apelido de Voador, padre, por que foi que vos deram tal nome, perguntou Baltasar. Começou Bartolomeu Lourenço a afastar-se, o soldado foi atrás dele, e, distantes dois passos um do outro, seguiram ao longo do Arsenal da Ribeira das Naus, do palácio do Corte Real, e adiante, nos Remolares, onde a praça se abria para o rio, sentou-se o padre numa pedra, fez sinal a Sete-Sóis para que se acomodasse ao lado dele, e enfim respondeu, como se agora mesmo tivesse ouvido a pergunta, Porque eu voei, e disse Baltasar, duvidoso, Com perdão da confiança, só os pássaros voam, e os anjos, e os homens quando sonham, mas em sonhos não há firmeza, Não tens vivido em Lisboa, nunca te vi, Estive na guerra quatro anos e a minha terra é Mafra, Pois eu faz dois anos que voei, primeiro fiz um balão que ardeu, depois construí outro que subiu até ao tecto duma sala do paço, enfim outro que saiu por uma janela da Casa da Índia e ninguém tomou a ver, Mas voou em pessoa, ou só voaram os balões, Voaram os balões, foi o mesmo que ter voado eu, Voar balão não é voar homem, O homem primeiro tropeça, depois anda, depois corre, um dia voará, respondeu Bartolomeu Lourenço, mas logo se pôs de joelhos porque estava passando o Corpo de Nosso Senhor para algum doente de qualidade, o padre debaixo do pálido sustentado por seis pessoas, à frente os trombetas, atrás os irmãos da confraria, de opas encarnadas e círios na mão, mais as coisas necessárias à administração do Santíssimo Sacramento, alguma alma impaciente por voar, apenas à espera de que a aliviassem do lastro corporal e a pusessem de frente para o vento que vem do mar largo, ou do fundo universo, ou do último lugar de além. Sete-Sóis também se ajoelhou, tocando o chão com o seu gancho de ferro enquanto se persignava.

Já não se sentou o padre Bartolomeu Lourenço, devagar aproximou-se da beira do rio, com Baltasar atrás, e ali, estando a um lado uma barca a descarregar palha em grandes panais que os mariolas transportavam às costas correndo equilibrados sobre a prancha, e a outro lado chegando-se duas escravas pretas a despejar para a água os calhandros de seus amos, o mijo e a merda do dia ou da semana, entre o natural cheio da palha e o cheiro natural do excremento, disse o padre, Tenho sido a risada da corte e dos poetas, um deles,

37

Tomás Pinto Brandão, chamou ao meu invento coisa de vento que se há-de acabar cedo, se não fosse a protecção de el-rei não sei o que seria de mim, mas el-rei acreditou na minha máquina e tem consentido que, na quinta do duque de Aveiro, a S. Sebastião da Pedreira, eu faça os meus experimentos, enfim já me deixam respirar um pouco os maldizentes, que chegaram ao ponto de desejar que eu partisse as pernas quando me lançasse do castelo, sendo certo que nunca eu tal coisa prometera, e que a minha arte tinha mais que ver com a jurisdição do Santo Ofício que com a geometria, Padre Bartolomeu Lourenço, eu destas coisas não entendo, fui homem do campo, soldado deixei de ser, e não creio que alguém possa voar sem lhe terem nascido asas, quem o contrário disser, entende tanto disso como de lagares de azeite, Esse gancho que tens no braço não o inventaste tu, foi preciso que alguém tivesse a necessidade e a ideia, que sem aquela esta não ocorre, juntasse o couro e o ferro, e também estes navios que vês no rio, houve um tempo em que não tiveram velas, e outro tempo foi o da invenção dos remos, outro o do leme, e, assim como o homem, bicho da terra, se fez marinheiro por necessidade, por necessidade se fará voador, Quem põe velas num barco está na água e na água fica, voar é sair da terra para o ar, onde não há chão que nos ampare os pés, Faremos como as aves, que tanto estão no céu como pousam na terra, Então foi por querer voar que conheceu a mãe de Blimunda, por ser de artes subis, Ouvi dizer que ela tinha visões de ver pessoas voando com asas de pano, é certo que visões não falta por aí quem diga tê-las, mas havia tal verosimilhança no que me contavam, que discretamente a fui visitar um dia, e depois ganhei-lhe amizade, E chegou a saber o que queria, Não, não cheguei, compreendi que o saber dela, se realmente o tinha, era outro saber, e que eu deveria perseverar contra a minha própria ignorância, sem ajudas, prouvera não me engane, Parece-me que estão na verdade aqueles que disseram que essa arte de voar se entendia mais com o Santo Ofício que com a geometria, se eu estivesse no vosso caso dobraria de cautelas, olhai que cárcere, degredo e fogueira costumam ser a paga desses excessos, mas disto sabe um padre mais do que um soldado, Tenho cuidado e não me faltam protecções, Lá virá o dia.

Tornaram sobre os passos, voltaram aos Remolares. Sete-Sóis fez menção de falar, retraiu-se, o padre deu pela hesitação, Queres-me dizer alguma coisa, Queria saber, padre Bartolomeu Lourenço, porque é que Blimunda sempre come pão antes de abrir os olhos pela manhã, Tens dormido com ela, Vivo lá, Repara que estão em pecado de concubinato, melhor seria casarem-se, Ela não quer, eu não sei se quereria, se um dia destes volto para a minha terra e ela prefere ficar em Lisboa, para quê casar, mas o que eu tinha perguntado, Porque come Blimunda pão antes de abrir os olhos de manhã, Sim, Se o vieres a saber um

38

dia, será por ela, por mim não, Mas sabe a razão, Sei, E não ma diz, Só te. direi que se trata de um grande mistério, voar é uma simples coisa comparando com Blimunda.

Andando e conversando, chegaram à estrebaria de um alquilador, na porta do Corpo Santo. O padre alugou uma mula, subiu para o albardão, Vou a S. Sebastião da Pedreira ver a minha máquina, queres tu vir comigo, a mula pode com os dois, Irei, mas a pé, que é o caminho da infantaria, És um homem natural, nem cascos de mula nem asas de passarola, É assim que se chama a sua máquina, perguntou Baltasar, e o padre respondeu, Assim lhe têm chamado por desprezo.

Subiram a S. Roque, e depois, contornando o alto morro das Taipas, desceram pela Praça da Alegria até Valverde. Sete-Sóis acompanhava sem dificuldade a andadura da mula, só em terreno plano se deixava atrasar um pouco, para logo recuperar na próxima encosta, tanto a descer como a subir. Apesar de não ter caído pinga de água desde Abril, sendo já passados quatro meses, estavam viçosos todos os campos para cima de Valverde, por via das muitas fontes perenes, encaminhados os mananciais ao cultivo das hortaliças, que ali eram abundantes, às portas da cidade. Passado o convento de Santa Marta e adiante o de Santa Joana Princesa, alargavam-se terras de olival, mas mesmo aí se implantavam as culturas hortenses, e se por lá não rebentavam as fontes naturais, supriam a falta as cegonhas de tirar água, erguendo os seus pescocoços compridos, e circulavam burros à nora, de olhos tapados para terem a ilusão de caminhar a direito, não sabendo, como não sabiam os donos, que andando realmente a direito também acabariam por vir parar ao mesmo lugar, porque o mundo. é ele uma nora e são os homens que, andando em cima dele, o puxam e fazem andar. Mesmo já cá não estando Sebastiana Maria de Jesus para ajudar com as suas revelações, é fácil ver que, faltando os homens, o mundo pára.

Quando chegaram ao portão da quinta, onde não está o duque nem criados seus, pois os bens dele foram reunidos aos da coroa, e agora estão a correr autos de processo para se restituírem à casa de Aveiro, porém são lentas as justiças, e então voltará o duque, da Espanha onde vive e onde duque também é, mas de Banhos, quando chegaram, dizíamos, o padre apeou-se, tirou uma chave do bolso e abriu o portão, como se estivesse em casa sua. Fez entrar a mula, que levou para uma sombra, enfiou-lhe no fochinho uma alcofa de palha e fava, e ali a deixou aliviada da carga, sacudindo com o rabo farto os tavões e as moscas, excitados pelo manjar que lhes chegava da cidade. Todas as portas e janelas do palácio estavam fechadas, a quinta abandonada, sem cultivo. A um lado do pátio espaçoso ficava um celeiro, ou abegoaria, ou adega, estando vazio não se podia saber que serventia fora a sua, pois para celeiro lhe faltavam tulhas, para abegoaria onde estariam as argolas, e adega não a há sem tonéis. Esta porta tinha um cadeado onde entrava uma chave tão

39

recortada como escrita arábica. O padre retirou a tranca, empurrou a porta, afinal não estava vazia a grande casa, viam-se panos de vela, barotes, rolos de arame, lamelas de ferro, feixes de vimes, tudo arrumado por espécies, em boa ordem e, ao meio, no espaço desafogado, havia o que parecia uma enorme concha, toda eriçada de arames, como um cesto que, em meio fábriço, mostra as guias do entrançado.

Baltasar entrou logo atrás do padre, curioso, olhou em redor sem compreender o que via, talvez esperasse um balão, umas asas de pardal em maior, um saco de penas, e não teve mão que não duvidasse, Então é isto, e o padre Bartolomeu Lourenço respondeu, Há-de ser isto, e, abrindo uma arca, tirou um papel que desenrolou, onde se via o desenho de uma ave, a passarola seria, isso era Baltasar capaz de reconhecer, e porque à vista era o desenho um pássaro, acreditou que todos aqueles materiais, juntos e ordenados nos lugares competentes, seriam capazes de voar. Mais para si próprio do que para Sete-Sóis, que do desenho não via mais que a semelhança da ave, e ela lhe bastava, o padre explicou, em tom primeiramente sereno, depois animando-se, Isto que aqui vês são as velas que servem para cortar o vento e que se movem segundo as necessidades, e aqui é o leme com que se dirigirá a barca, não ao acaso, mas por mão e ciência do piloto, e este é o corpo do navio dos ares, à proa e à popa em forma de concha marinha, onde se dispõem os tubos do fole para o caso de faltar o vento, como tantas vezes sucede no mar, e estas são as asas, sem elas como se haveria de equilibrar a barca voadora, e destas esferas não te falarei, que são segredo meu, bastará que te diga que sem o que elas levarão dentro não voará a barca, mas sobre este ponto ainda não estou seguro, e neste tecto de arames penduraremos umas bolas de âmbar, porque o âmbar responde muito bem ao calor dos raios do sol para o efeito que quero, e isto é a bússola, sem ela não se vai a parte alguma, e isto são roldanas, servem para largar ou recolher as velas, como nos navios do mar. Calou-se alguns momentos, e acrescentou, E quando tudo estiver armado e concordante entre si, voarei.

A Baltasar convencia-o o desenho, não precisava de explicações pela razão simples de que não vendo nós a ave por dentro, não sabemos o que a faz voar, e no entanto ela voa, porquê, por ter a ave forma de ave, não há nada mais simples. Quando, limitou-se a perguntar, Ainda não sei, respondeu o padre, falta-me quem me ajude, sozinho não posso fazer tudo, e há trabalhos para que a minha força não é suficiente. Calou-se outra vez, e depois, Queres tu vir ajudar-me, perguntou. Baltasar deu um passo atrás, estupefacto, Eu não sei nada, sou um homem do campo, mais do que isso só me ensinaram a matar, e assim como me acho, sem esta mão, Com essa mão e esse gancho podes fazer tudo quanto quiseres, e há coisas que um gancho faz melhor que a mão completa, um gancho não sente

dores se tiver de segurar um arame ou um ferro, nem se corta, nem se queima, e eu te digo que maneta é Deus, e fez o universo.

Baltasar recuou assustado, persignou-se rapidamente, como para não dar tempo ao diabo de concluir as suas obras, Que está a dizer, padre Bartolomeu Lourenço, onde é que se escreveu que Deus é maneta, Ninguém escreveu, não está escrito, só eu digo que Deus não tem a mão esquerda, porque é à sua direita, à sua mão direita, que se sentam os eleitos, não se fala nunca da mão esquerda de Deus, nem as Sagradas Escrituras, nem os Doutores da Igreja, à esquerda de Deus não se senta ninguém, é o vazio, o nada, a ausência, portanto Deus é maneta. Respirou fundo o padre, e concluiu, Da mão esquerda.

Sete-Sóis ouvira com atenção. Olhou o desenho e os materiais espalhados pelo chão, a concha ainda informe, sorriu, e, levantando um pouco os braços, disse, Se Deus é maneta e fez o universo, este homem sem mão pode atar a vela e o arame que hão-de voar. Mas tem cada coisa seu tempo. Por enquanto, faltando ao padre Bartolomeu Lourenço o dinheiro para comprar os ímanes que, na sua ideia, hão-de fazer voar a passarola, cujos, ainda por cima, terão de vir do estrangeiro, está Sete-Sóis no açougue do Terreiro do Paço, por empenho do mesmo padre, transportando ao lombo peças de carne variada, quartos de boi, leitões às dúzias, carneiros aos pares, que passam de um gancho para outro gancho, e no trânsito deixam toalhas de sangue na serapilheira que lhe cobre as costas e a cabeça, é um ofício sujo, vá lá que compensado por algumas sobras, um pé de porco, uma franja de dobrada, e, querendo Deus e o humor do açougueiro, a aparta de vazia, de alcatra ou pojadouro, embrulhados numa crespa folha de couve, para que Blimunda e Baltasar se alimentem um pouco melhor que o vulgar, quem parte e reparte, mesmo não sendo Baltasar o da partição, para alguma coisa aproveitaria a arte.

Para D. Maria Ana é que lhe vem chegando o tempo. A barriga não aguenta crescer mais por muito que a ele estique, é um bojo enorme, uma nau da Índia, uma frota do Brasil, de vez em quando manda el-rei saber como vai a navegação do infante, se já se avista ao longe, se o traz bom vento ou sofreu assaltos, como aqueles que sofrem as nossas esquadras, que ainda agora, na altura das ilhas, tomaram os franceses seis naus mercantes nossas e uma de guerra, que tudo isto e muito mais se podia esperar dos cabos que temos e dos comboios que armamos, e agora parece que vão os ditos franceses esperar o resto dos nossos barcos à entrada de Pernambuco e da Baía, se é que não estão já à espreita da frota que há-de ter saído do Rio de Janeiro. Tantas foram as descobertas que fizemos quando houve que descobrir, e agora nos passam os outros à capa como a inocentes touros, sem artes de marrar, ou não mais que por acaso. A D. Maria Ana chegam também estas más notícias, coisas que sempre aconteceram há um mês, dois meses, quando o infante ainda

formoso sermão se teria podido repetir aqui, com a sua doutrina muito clara, muito sã, mas, peixes não sendo, foi a pregação como a mereciam homens e só a ouviram os fiéis que mais ao perto estavam, porém, se é certo que o hábito não faz o monge, faz sem dúvida a fé, ouvindo o assistente réu já sabe que foi dito céu, se eterno inferno, se isto Cristo, se Zeus Deus, e se mais nada se ouve, palavra ou eco, é porque acabou o sermão e podemos debandar. Espantoso é ter-se acabado a missa e não terem ficado mortos no terreno, não os matou sequer o sol quando deu em cheio na custódia e fêscou, muito mudadas estão as eras, já vai tempo que estando os Betsamitas no campo a ceifar o seu trigo, levantaram por acaso os olhos do trabalho e viram que vinha a Arca da Aliança da terra dos Filisteus, pois foi quanto bastou para caírem ali redondos cinquenta mil e setenta agora olharam vinte mil, estavas lá, não dei por ti. É uma religião de grandes lazeres, mormente estando reunidos tantos fiéis, onde é que se ia arranjar vagar e instalações para se confessarem todos ou todos comungarem, assim vão ficar por aí ao Deus dará, se der, bocejando muito, entrando em brigas, umbigando uma mulher atrás dum valado ou em lugares mais ribaldieiros, até amanhã, que é outra vez dia de trabalho.

Baltasar atravessa o terreiro, há homens que armam inocentes jogos de malha, outros que el-rei proíbe, como o caras-ou-cruzes, se vem por aí o corregedor na sua volta, não passam estes sem tronco. Esperam Baltasar, no sítio combinado, Blimunda e Inês Antónia, e ali irão ter também, ou já lá estão, Álvaro Diogo e o filho. Descem todos juntos ao vale, em casa espera-os o velho João Francisco que mal pode mexer as pernas, contenta-se com a missa discreta que o vigário diz na igreja de Santo André, assiste toda a casa do visconde, provavelmente por isso são os sermões menos aterradores, embora tenham a desvantagem de se terem de ouvir por inteiro e logo se notarem as desatenções de quem ouve, tão naturais quando os anos são muitos ou muito fatigaram. Acabam de jantar, Álvaro Diogo dorme a sesta, o filho vai aos pardais com outros da sua idade, as mulheres remendam e passam discretamente, porque este dia é de guarda e portanto não quer Deus Que se trabalhe, porém, se este rasgão não fosse remendado hoje, amanhã estaria maior, e se é verdade que Deus castiga sem pau nem pedra, verdade é também que, remendar, só com agulha e linha, ainda que não seja grande o meu jeito, nem é para admirar, quando Adão e Eva foram criados, tanto sabia um como sabia outro, e quando os expulsaram do paraíso, não consta que tenham recebido do arcanjo uma lista de trabalhos de homem e trabalhos de mulher, a esta só foi dito, Parirás com dor, mas até isso há-de acabar um dia. Baltasar deixa em casa o espigão e o gancho, vai com o seu coto à fresca, quer ver se volta a sentir aquelas reconfortantes dores na mão, agora cada vez mais raras, e aquela comichãozinha na parte interna do dedo polegar, a sensação voluptuosa de o coçar com a unha do dedo

indicador, não lhe venham dizer que tudo isso se passa na sua cabeça, ele responderia que dentro da cabeça não tem dedos, Mas você, ó Baltasar, já não tem a mão, Disso é que ninguém pode ter a certeza, vá lá uma pessoa discutir com gente desta, capaz até de negar a própria realidade.

É sabido que Baltasar vai beber, mas não se em briagará. Bebe desde que soube da morte do padre Bartolomeu Lourenço, triste morte, foi um abalo muito grande como um terramoto profundo que lhe tivesse rachado os alicerces, deixando embora, à superfície, as paredes apuradas. Bebe porque constantemente se lembra da passarola, lá na serra do Barregudo, numa encosta do Monte Junto, quem sabe se já encontrada por contrabandistas ou pastores, e só de pensar nisso sofre como se o estivessem a apertar no potro. Mas, bebendo, sempre chega o momento em que sente pousar sobre o seu ombro a mão de Blimunda, não é preciso mais nada, está Blimunda sossegada em casa, Baltasar pega no púcaro cheio de vinho, julga que o vai beber como bebeu os outros, mas a mão toca-lhe no ombro, é uma voz que diz, Baltasar, e o púcaro volta à mesa intacto, os amigos sabem que não beberá mais nesse dia. Ficará calado, ouvindo apenas, enquanto o torpor do vinho se desvanece lentamente e as palavras dos outros refazem um sentido, ainda que seja o da mesma e repetida história, O meu nome é Francisco Marques, nasci em Cheleiros, que é aqui perto de Mafra, umas duas léguas, tenho mulher e três filhos pequenos, toda a minha vida foi trabalhar de jornal, e como da miséria não via jeito de sair, resolvi vir trabalhar para o convento, que até foi um frade da minha terra o da promessa, segundo ouvi contar, que nessa altura era eu um rapazito, assim como o teu sobrinho mas vá lá que não tenho muitas razões de queixa, Cheleiros não é longe, de vez em quando meto pernas ao caminho, as duas que andam e a do meio, dá como resultado que a mulher está prenha outra vez, o dinheiro que eu forró lá lho deixo, mas os pobres como nós têm de comprar tudo, não lhes vem por negócio da Índia ou do Brasil, nem temos empregos ou comendas do paço, que é que eu posso fazer com os duzentos réis de jornal, tenho de pagar o que como aqui na casa de pasto e o púcaro de vinho que bebo, a vida vai boa é para os donos das vendas de comida, e se é verdade que vieram obrigados de Lisboa muitos deles, eu por necessidade vivo e necessitado continuo, O meu nome é José Pequeno, não tenho pai, nem mãe, nem mulher que minha seja, nem sei sequer se o nome certo é este, ou se tive algum antes, apareci numa aldeia ao pé de Torres Vedras, pelo seguro, o vigário baptizou-me, José é o nome de pia, o Pequeno puseram-mo depois, porque não cresci muito, com esta corcunda às costas nenhuma mulher me quis para viver, mas todas pedem mais se calha deixarem que me ponha em cima delas, não tenho outra compensação, chega-te para cá, agora vai-te embora, se me vejo velho nem para isso sirvo, se a Mafra vim foi porque gosto de trabalhar

com os bois, os bois andam emprestados neste mundo, como eu, não somos de cá, **Chamo-me Joaquim da Rocha**, nasci no termo de Pombal, lá tenho a família, só a mulher, filhos tive quatro, mas todos morreram antes de fazerem dez anos, dois de bexigas negras, os outros de espinhela caída e sangue chupado, tinha lá um cerrado de renda, mas o ganho não dava para comer, então disse à mulher, vou para Mafra, é trabalho garantido e por muitos anos, enquanto durar durou, agora há seis meses que não vou a casa, se calhar nem volto lá mais, mulheres não faltam, e a minha devia ser de má casta para assim ter parido quatro filhos e deixado morrer todos, **O meu nome é Manuel Milho**, venho dos campos de **Santarém**, um dia os oficiais do corregedor passaram por lá com prego de haver bom jornal e bom passado nestas obras de Mafra, vim eu, e mais alguns, dois que vieram comigo ficaram naquele aluimento de terras que houve o ano passado, não gosto dos sítios daqui, e não é por terem cá morrido dois patrícios meus, ao homem não é dado escolher o lugar onde há-de morrer, salvo se é ele a escolher a sua própria morte, mas porque sinto a falta do rio da minha terra, bem sei que água tem-na o mar de sobra, vê-se daqui, mas digam-me o que pode um homem fazer daquela imensidão, sempre a onda a marrar nas pedras, sempre a bater na areia, ao passo que o rio corre entre duas margens, é como uma procissão penitente, ele é que vai rasteirinho, e nós, de pé, olhando, somos como os freixos e os choupos, e quando um homem quer ver como está a sua cara, se envelheceu muito, a água é o espelho que passa e está parado, e nós que estamos parados é que vamos passando, donde me vêm estas coisas à cabeça é que eu não sei dizer, **O meu nome é João Anes, vim do Porto** e sou tanoeiro, também para construir um convento são precisos tanoeiros, quem haveria de fazer e consertar as dornas, as pipas e os baldes, se um pedreiro está no andaime e lhe chegam o cocho da massa, tem de molhar as pedras com a vassoura para que façam boa presa a pedra que está e a outra que vai assentar, para isso é que lá tem o balde, e os animais bebem onde, bebem nas tinas, e quem fez as tinas, fizeram-nas os tanoeiros, não é por me gabar, mas não há ofício como o que eu tenho, até Deus foi tanoeiro, vejá-me essa grande dorna que é o mar, se a obra não estivesse perfeita, se as aduelas não estivessem tão bem ajustadas, entrava-nos o mar pela terra dentro, era aí outro dilúvio, sobre a minha vida não tenho muito que dizer, deixei a família no Porto, lá se vão governando, há dois anos que não vejo a mulher, às vezes sonho que estou deitado com ela, mas se sou eu não tenho a minha cara, no dia seguinte corre-me sempre mal o trabalho, gostava de me ver completo no sonho, em vez daquela cara sem boca nem feição, sem olhos nem nariz, que cara estará a minha mulher vendo nessa ocasião, não sei, era bom que fosse a minha, O meu nome é Julião Mau-Tempo, sou natural do Alentejo e vim trabalhar para Mafra por causa das grandes fomes de que padece a minha província, nem sei como

156

resta gente viva, se não fosse termo-nos acostumado a comer de ervas e bolota, estou que já teria morrido tudo, é um dó de alma ver uma terra tão grande, só pode saber quem alguma vez por lá passou, e não é mais que charneca, poucas são as terras fabricadas e semeadas, o resto mato e solidão, e é um país de guerras, com os espanhóis entrando e saindo como em casa sua, agora está a paz em sossego, quem adivinhará por quanto tempo, mas os reis e os fidalgos, quando não é dia de nos fazerem correr e morrer a nós, fazem correr e morrer a caça, por isso aí do pobre que for apanhado com um coelho na saca, ainda que o tivesse achado já morto de doença ou velhice, o menos que lhe pode suceder é levar uma dúzia de vergastadas pelas costas, para aprender que quando Deus fez os coelhos foi para divertimento e panela dos senhores, só valiam a pena as vergastadas se pudessemos ficar com a caça, eu se vim para Mafra foi porque o vigário da minha freguesia apregoava nas igrejas que quem viesse passava a ser criado de el-rei, não bem bem criado, mas como se o fosse, e que os criados de el-rei, isto dizia ele, não sofrem privações de boca e andam com as carnes tapadas, ainda melhor que no paraíso, porque se é certo que Adão, não tendo quem lhe disputasse a pitaça, comia a seu gosto e conforme o apetite, já de vestidos andava pior, afinal saíu-me tudo mentira, do paraíso não falo, que não sou desse tempo, mas de Mafra sim, se não consigo morrer de fome é porque gasto tudo quanto ganho, roto ando como andava, e, quanto a ser criado de el-rei, ainda espero não morrer sem ver a cara do meu amo, a não ser que me agonie de estar tanto tempo longe da família, um homem, se tem filhos, também se alimenta de ver a cara deles, bom era que se alimentassem eles de ver a nossa cara, é o destino, acabar-se a vida a olharmos uns para os outros, quem és tu, que vieste cá fazer, quem eu seja e o que faça, já perguntei e não tive resposta, não, nenhum dos meus filhos tem os olhos azuis, mas tenho a certeza de que são todos meus filhos, isto dos olhos azuis é coisa que aparece de vez em quando na família, já a mãe da minha mãe tinha os olhos desta cor, O meu nome é Baltasar Mateus, todos me conhecem por Sete-Sóis, o José Pequeno sabe porque assim lhe chamam, mas eu não sei desde quando e porquê nos meteram os sete sóis em casa, se fôssemos sete vezes mais antigos que o único sol que nos alumia, então devíamos ser nós os reis do mundo, enfim, isto são conversas loucas de quem já esteve perto do sol e agora bebeu de mais, se me ouvirem dizer coisas insensatas, ou é do sol que apanhei, ou do vinho que me apanhou, o certo é ter nascido aqui, há quarenta anos feitos, se não me enganei a contar, minha mãe já morreu, chamava-se Marta Maria, meu pai mal pode andar, acho que lhe estão a nascer raízes nos pés, ou é o coração à procura de terra para descansar, tínhamos aí um cerrado, como o Joaquim da Rocha, mas, com tanto mexer de aterros, já lhe perdi o sítio, até eu levei alguma terra dele no carro de mão, quem haveria de dizer ao meu avô que um neto seu atiraria fora terra que

157

Terra solta, pedrisco, calhau que a pólvora ou o alvião arrancaram ao pedernal profundo, esse pouco o transportam por mão de homem os carrinhos, enchendo o vale com pó que se vai arrasando do monte ou extraindo dos novos caboucos. Para o entulho de maior porte e arrastado peso andam os carros grandes, chapeados de ferro, que os bois e as bestas puxam sem mais pausa que carregar e descarregar. Aos andaimes, pelas travejadas rampas de madeira, sobem homens as pedras suspensas do jugo que sobre os ombros e a nuca lhes assenta, para sempre seja louvado quem inventou o chinguicho, alguém a quem lhe doía. São trabalhos já ditos, que mais facilmente se recapitulam por serem de força bruta, porém, é causa da sua reiteração não consentir que esqueçamos o que, por tão comum é de tão mínima arte, se costuma olhar sem mais consideração que distraidamente vemos os nossos próprios dedos escrevendo, assim de um modo e outro ficando oculto aquele que faz sob aquilo que é feito. Muito melhor veríamos, e muito mais, se olhássemos de alto, por exemplo, pairando na máquina voadora sobre este lugar de Mafra, o passeio do monte, o conhecido vale, a Ilha da Madeira que as estações escureceram de chuva e sol, e alguns tabuados apodrecem já, o derrubamento das árvores no pinhal de Leiria e nos termos de Torres Vedras e Lisboa, os fumos diurnos e nocturnos dos fornos de tijolo e cal que entre Mafra e Cascais são centenas, os barcos que outros tijolos trazem do Algarve e de Entre-Douro-e-Minho e os vão descarregar, Tejo adentro, por um canal aberto a braço, ao cais de Santo António do Tojal, os carros que por Monte Achique e Pinheiro de Loures trazem estas e outras matérias ao convento de sua majestade, e aqueles outros que carregam as pedras de Pêro Pinheiro, não há melhor miradouro que este onde estamos, não faríamos ideia da grandeza da obra se o padre Bartolomeu Lourenço não tivesse inventado a passarola, a nós nos sustentam no ar as vontades que Blimunda juntou dentro das esferas de metal, lá em baixo outras vontades andam, presas ao globo terra pela lei da gravidade e da necessidade, se pudéssemos contar os carros que se movem por estes caminhos de ir e voltar, próximos ou mais longe, chegaríamos aos dois mil e quinhentos, vistos daqui parece que estão parados, é por ser tão pesada a carga. Mas os homens, se os quisermos ver, tem de ser de mais perto.

Durante muitos meses, Baltasar puxou e empurrou carros de mão, até que um dia se achou cansado de ser mula de liteira, ora à frente, ora atrás, e, tendo prestado públicas e boas provas perante oficiais do ofício, **passou a andar com uma junta de bois**, das muitas que el-rei tinha comprado. Fora de boa ajuda na promoção o José Pequeno, a cuja

corcundice o abegão achava sua graça, ao ponto de dizer que o boieiro ficava com a cara à altura do focinho dos bois, e era quase verdade, mas, se pensou que com isso o ofendeu, muito enganado estava, porque o José Pequeno, pela primeira vez, ganhou consciência do gosto que lhe dava poder olhar a direito com os seus olhos de homem os imensos olhos dos animais, imensos e mansos, onde via reflectida a sua própria cabeça, o tronco, e, lá para baixo, sumindo-se na fimbria inferior da pálpebra, as pernas, quando um homem cabe inteiro no olho de um boi, pode-se enfim reconhecer que o mundo está bem construído. Fora de boa ajuda o José Pequeno porque instou com o abegão que passasse Baltasar Sete-Sóis a boieiro, se já andava com os bois um aleijado, podiam andar dois, fazem companhia um ao outro, e se ele não se entender com o trabalho, não arrisca nada, volta para os carros de mão, em um dia se verá a habilidade do homem. De bois sabia Baltasar o bastante, mesmo não lidando com eles há tantos anos, e em dois trajectos logo se viu que o gancho não era defeito e que a mão direita não esquecera nenhuma cláusula da arte da agulhada. Quando nessa noite chegou a casa, ia tão contente como quando, em garoto, descobrira o primeiro ovo num ninho, quando homem estivera com a primeira mulher, quando soldado ouvira o primeiro toque de trombeta, e de madrugada sonhou com os seus bois e a mão esquerda, nada lhe faltava, se até Blimunda ia montada num dos animais, entenda isto quem souber de sonhos sonhados.

Estava Baltasar há pouco tempo nesta sua nova vida, quando houve notícia de que era preciso ir a Pêro Pinheiro buscar uma pedra muito grande que lá estava, destinada à varanda que ficará sobre o pórtico da igreja tão excessiva a tal pedra que foram calculadas em duzentas as juntas de bois necessárias para trazê-la, e muitos os homens que tinham de ir também para as ajudas. Em Pêro Pinheiro se construíra o carro que haveria de carregar o calhau, espécie de nau da Índia com rodas, isto dizia quem já o tinha visto em acabamentos e igualmente pusera os olhos, alguma vez na nau da comparação. Exagero será, decerto, melhor é julgarmos pelos nossos próprios olhos, com todos estes homens que se estão levantando noite ainda e vão partir para Pêro Pinheiro, eles e os quatrocentos bois, e mais de vinte carros que levam os petrechos para a condução, convém a saber, cordas e calabres, cunhas, alavancas, rodas sobressalentes feitas pela medida das outras, eixos para o caso de se partirem alguns dos primitivos, escoras de vários tamanhos, martelos, torqueses, chapas de ferro, gadanhas para quando for preciso cortar o feno dos animais, e vão também os mantimentos que os homens hão-de comer, fora o que puder ser comprado nos lugares, um tão numeroso mundo de coisas carregando os carros, que quem julgou fazer a cavalo a viagem para baixo, vai ter de fazê-la por seu pé, nem é muito, três léguas para lá, três para cá, é certo que os caminhos não são bons, mas tantas vezes já fizeram os bois e os homens

Anexo IV – Triade, Baltasar, Blimunda e Bartolomeu



INTERPRETE O SENTIDO DA CONVERSA FINAL ENTRE BARTOLOMEU LOURENÇO E BALTASAR A PROPÓSITO DA AUSÊNCIA DA MÃO ESQUERDA EM BALTASAR. PARECIA ALGO QUE IA IMPEDIR NA CONSTRUÇÃO E NÃO ERA



SUGESTÃO DE RESPOSTA:

- Na conversa final, Bartolomeu Lourenço afirma que, apesar de Baltasar não ter a mão esquerda, está tão apto como qualquer outro homem a ajudar na construção da Passarola.
- Na verdade, o gancho que ele tem em substituição da mão pode mesmo ser uma ferramenta de valor excepcional no processo de criação do engenho voador. Além disso, segundo o narrado, o próprio Deus seria maneta porque apenas há referência à sua mão direita e já que Cristo está sentado à direita do Pai.
- Assim, esta atitude do Padre Bartolomeu de Gusmão revela o reconhecimento atribuído à ação humana. Através dele o narrador pretende dizer-nos que o homem tem em si o poder de modificar a realidade: basta acreditar na sua força.

Apresentando *Modo de papel*

Envolva os alunos sem dispositivos

O que você precisa:



PASSO 1

Imprima Q-cards e distribua-os aos alunos



PASSO 2

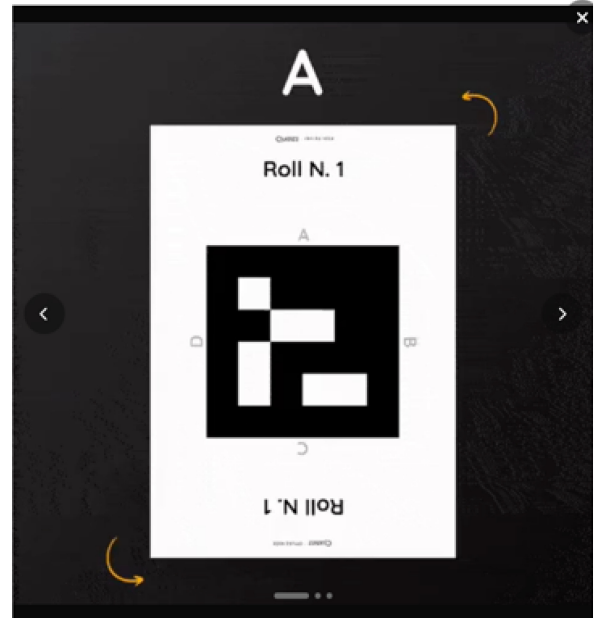
Inicie o teste no seu computador



PASSO 3

Abra o aplicativo móvel Quizizz para começar a escanear as respostas dos alunos

Feche esta caixa e baixe todos os recursos que você precisa!



Apresentando *Modo de papel*

Envolva os alunos sem dispositivos

O que você precisa:



PASSO 1

Imprima Q-cards e distribua-os aos alunos



PASSO 2

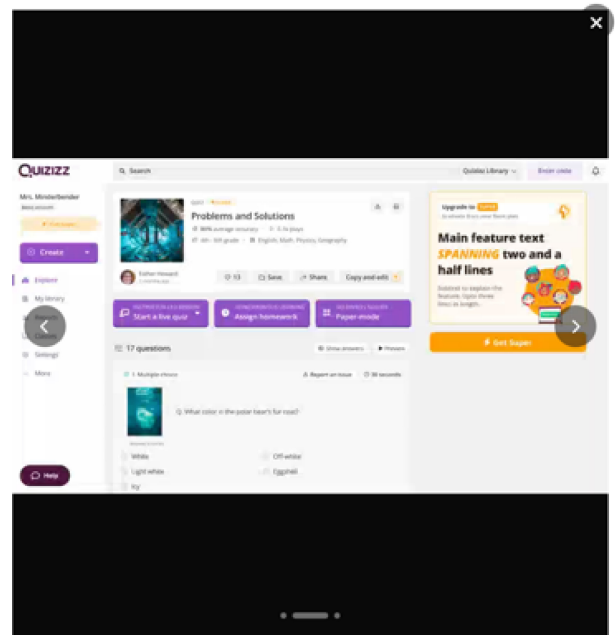
Inicie o teste no seu computador

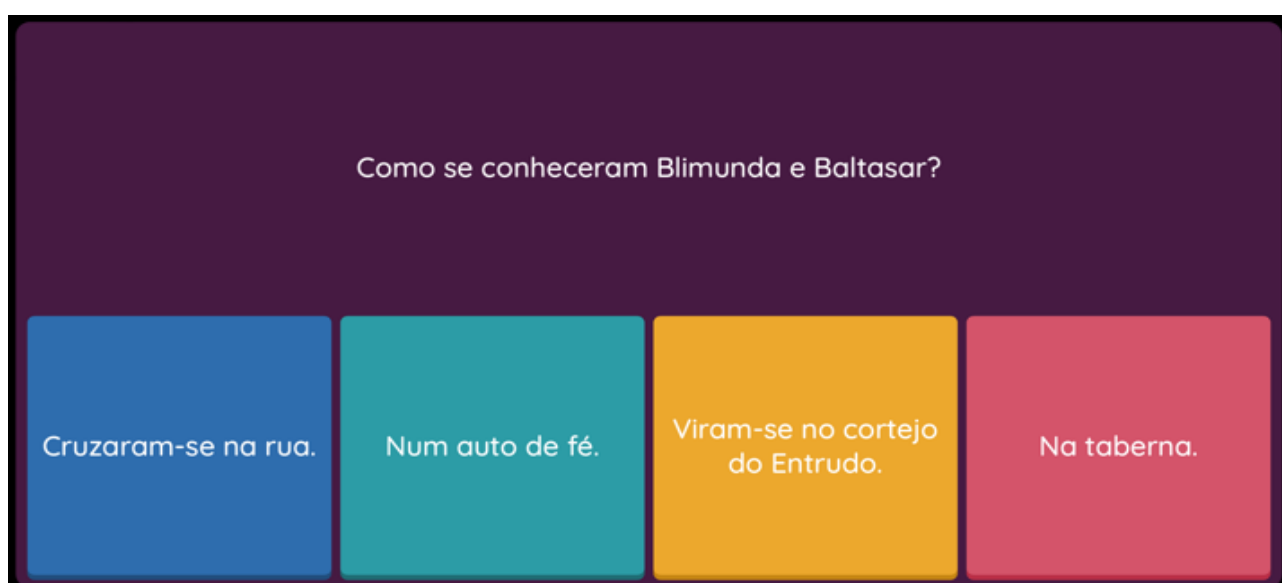
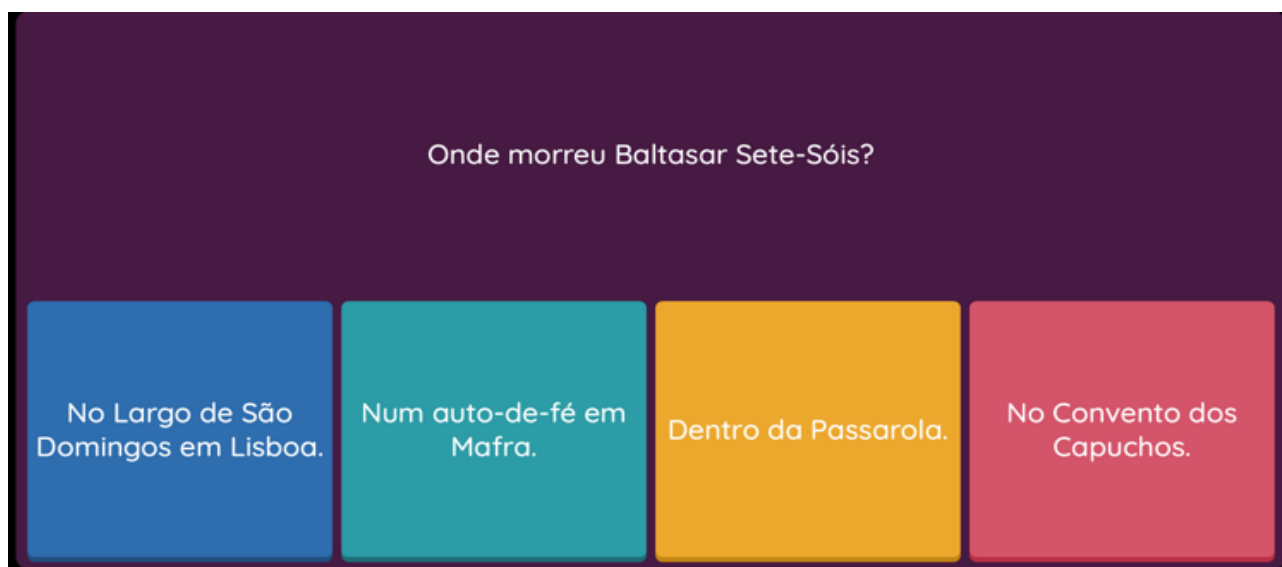


PASSO 3

Abra o aplicativo móvel Quizizz para começar a escanear as respostas dos alunos

Feche esta caixa e baixe todos os recursos que você precisa!





A trindade terrestre era composta por...

Ludovice, Scarlatti e o rei.

o rei, a rainha e o padre Bartolomeu.

o rei, a rainha e a princesa Maria Bárbara.

Baltasar, Blimunda e o Padre Bartolomeu.

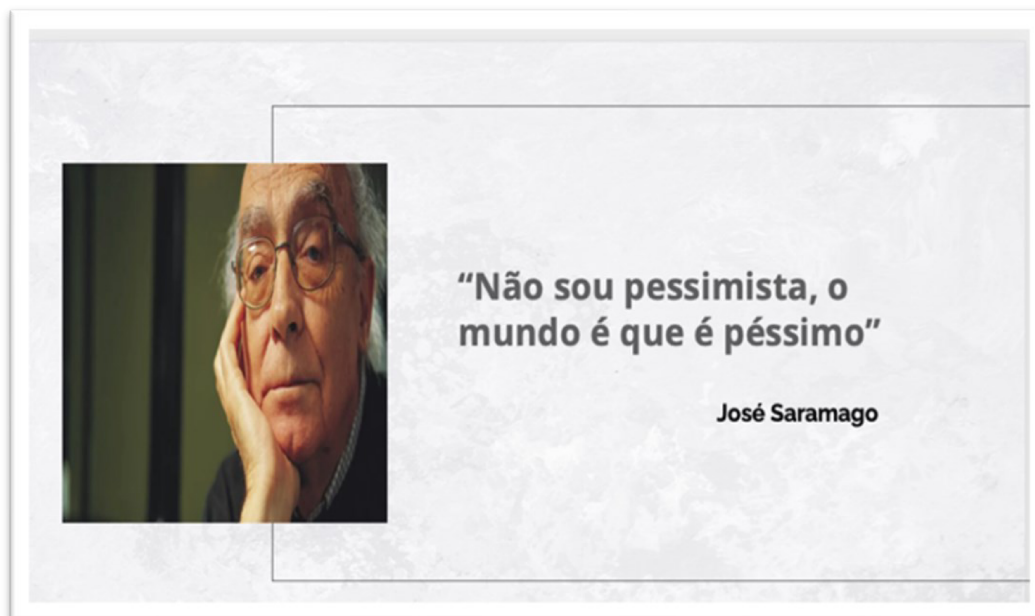
A relação de Baltasar e Blimunda poderia ter a atenção do Tribunal do Santo Ofício porque:

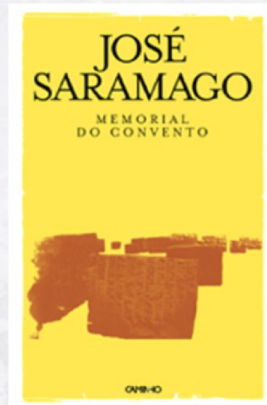
diziam mal da Santa Igreja Católica.

viviam juntos sem terem contraído matrimónio.

Todas as respostas anteriores estão corretas.

eram católicos mas não praticavam os mandamentos.





Contextualização histórica

Portugal no século XVIII

Reinado de D. João V (1706 A 1750)

Construção do Convento de Mafra (1717 a 1770)

Inquisição e autos de fé

Absolutismo régio

"Era uma vez um Rei que fez a promessa de levantar um convento em Mafra. Era uma vez a gente que construiu esse convento. Era uma vez um soldado maneta e uma mulher que tinha poderes. Era uma vez um padre que queria voar e morreu doido. Era uma vez."

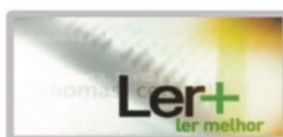
in *Memorial do Convento*,
Editorial Caminho





Oralidade

1 Observa atentamente o programa *Ler +, Ler Melhor* (RTP), no qual o escritor e ensaísta Miguel Real fala do livro da sua vida: *Memorial do Convento*.

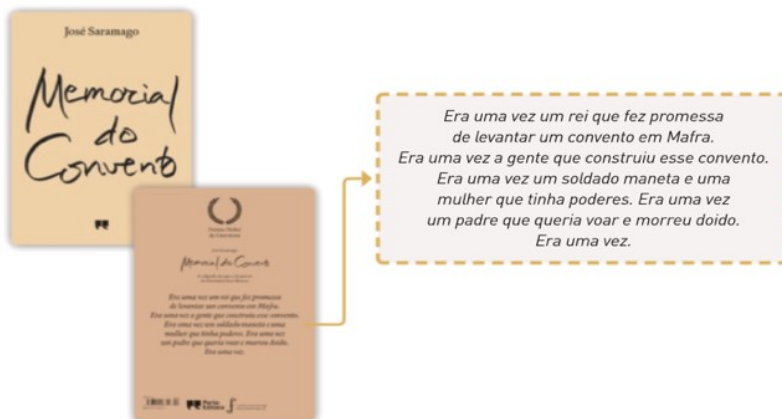


1.1. Durante a primeira visualização, toma notas que te permitam completar, no teu caderno, o quadro que se segue.

Memorial do Convento	
Linhas de ação ----->	Personagens associadas
(A) _____(a)_____	_____ (b) _____
(B) _____(c)_____	_____ (d) _____
(C) _____(e)_____	_____ (f) _____

1.2. Observa uma segunda vez o vídeo e justifica a caracterização de Baltasar e Blimunda por meio das expressões “menos do que um homem” e “mais do que uma mulher”.

2 Atenta no texto da contracapa do livro.



2.1. Comprova a presença das linhas de ação de *Memorial do Convento* que identificaste no quadro da questão 1.1. no texto da contracapa do livro.

2.2. Destaca o efeito de sentido produzido com o recurso à expressão “Era uma vez” e à sua repetição.

Texto de opinião

- O texto de opinião explicita um ponto de vista de forma clara e pertinente. Os argumentos e os respectivos exemplos são desenvolvidos e apoiados em juízos de valor explícitos ou implícitos.
- Intenção comunicativa: apresentar um ponto de vista sobre um determinado tema, sustentado por argumentos adequados e exemplos significativos.

Introdução com explicitação do ponto de vista sobre o tema

Desenvolvimento:
Argumentação;
Contra-argumentação;
exemplificação

Conclusão com retoma do ponto de vista inicial.

Linguagem

- Discurso de primeira pessoa;
- Temas diversos;
- Seleção de informação significativa;
- Encadeamento lógico dos tópicos tratados;
- Valor expressivo do discurso valorativo.

- 1. Lê atentamente o excerto relacionado com o poder de Blimunda.
- “Quando Blimunda acorda, estende a mão para o saquitol onde costuma guardar o pão, pendurado à cabeceira, e acha apenas o lugar. Tateia o chão, a enxerga, mete as mãos por baixo da travesseira, e então ouve Baltasar dizer, Não procures mais, não encontrarás, e ela, cobrindo os olhos com os punhos cerrados, implora, Dá-me o pão, Baltasar, dá-me o pão, por alma de quem lá tenhas, Primeiro me terás de dizer que segredos são estes, Não posso, gritou ela, e bruscamente tentou rolar para fora da enxerga, mas Sete-Sóis deitou-lhe o braço são, prendeu-a pela cintura, ela debateu-se brava, depois passou-lhe a perna direita por cima, e assim libertada a mão, quis afastar-lhe os punhos dos olhos, mas ela tornou a gritar, espavorida, Não me faças isso, e foi o grito tal que Baltasar a largou, assustado, quase arrependido da violência, Eu não te quero fazer mal, só queria saber que mistérios são, Dá-me o pão, e eu digo-te tudo, Juras, Para que serviriam juras se não bastassem o sim e o não, Aí tens, come, e Baltasar tirou o taleigo de dentro do alforge que lhe servia de travesseiro.”

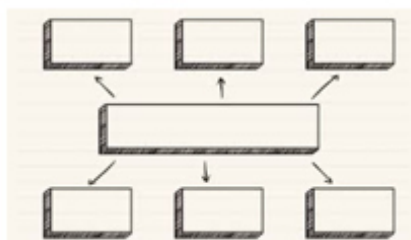
José Saramago, *Memorial do Convento*, Lisboa, Caminho 199

-
- 2. A partir da leitura do texto e considerando a frase de Blimunda “Para que serviriam juras se não bastassem o sim e o não”, redige um **texto de opinião** bem estruturado, de duzentas (200) a trezentas (300) palavras, em que te refiras à importância da honestidade na vida do ser humano.
 - Fundamenta o teu ponto de vista recorrendo, no mínimo, a dois argumentos e ilustra cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

Fonte: Delindro & Pereira (2021, p. 338 e 339)

Anexo XI – Atividade de expressão escrita de um texto de opinião

Planificação - Programar Ideias



Introdução

Apresentação do Tema:

Ponto de vista:

Conectores: Considero que; julgo que; penso que; na minha opinião; a meu ver; parece-me que...

Desenvolvimento

Razões:

Exemplos:

Conectores para as razões: Com efeito; em primeiro lugar; em segundo lugar; enquanto; além disso; de facto...

Conectores para os exemplos: Por exemplo; nomeadamente...

Conclusão

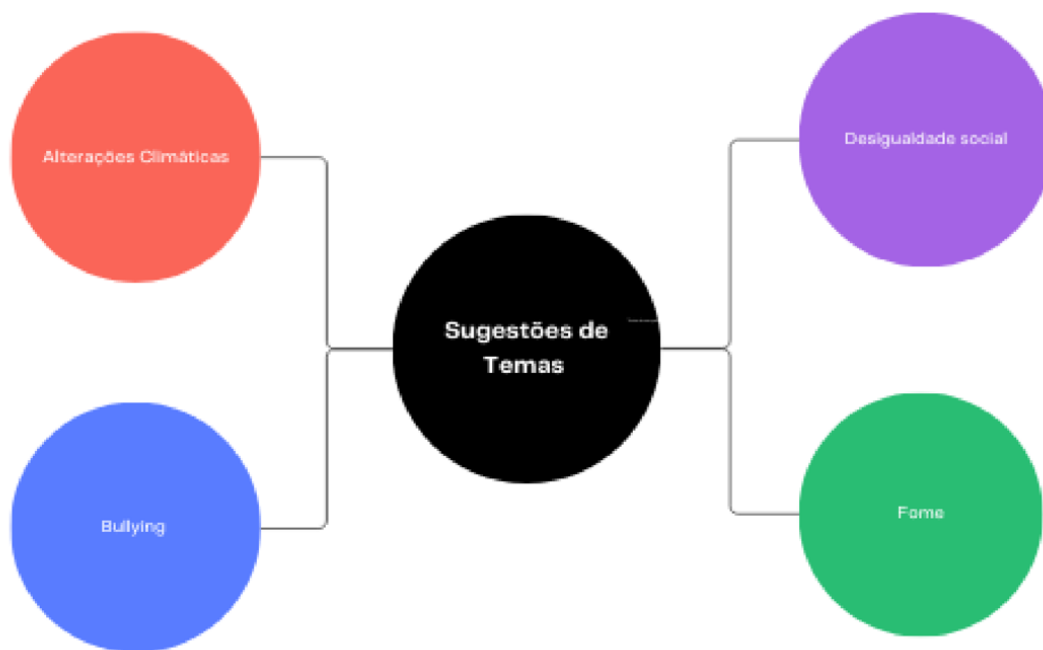
Síntese da argumentação:

Reforço do ponto de vista:

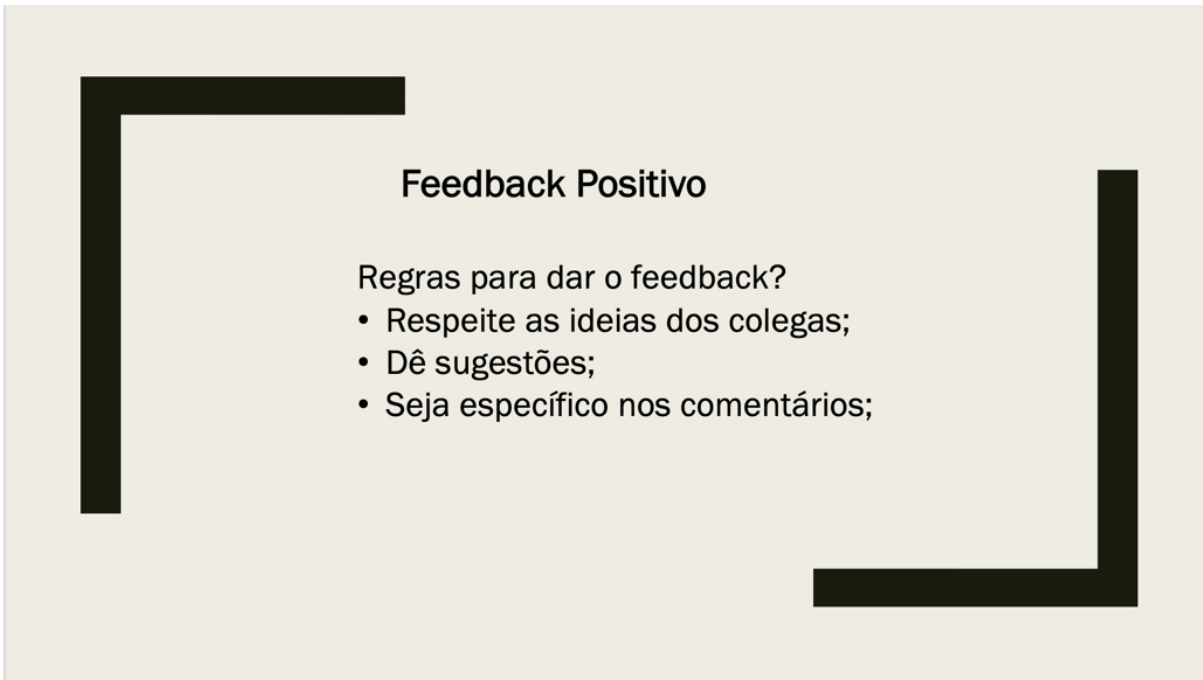
Conectores: Em suma; concluindo; em conclusão...

Fonte: Criação da professora estagiária

Anexo XII – Atividade de escrita com sugestões de temas.



Fonte: Criação da professora estagiária



Feedback Positivo

Regras para dar o feedback?

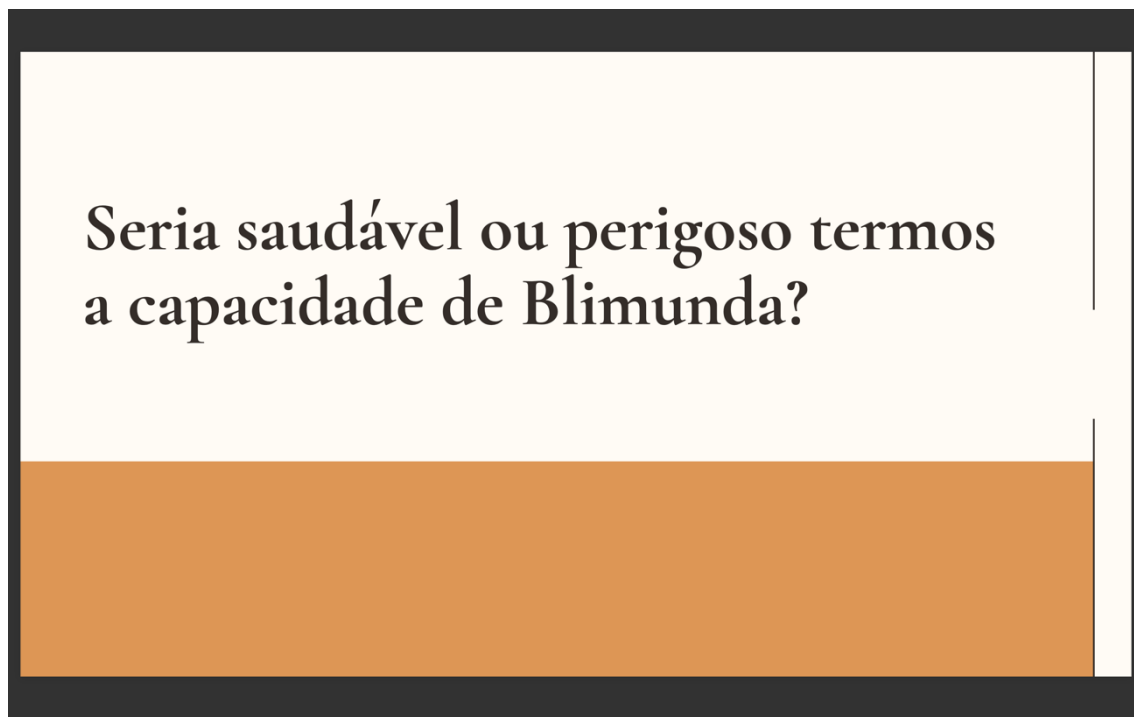
- Respeite as ideias dos colegas;
- Dê sugestões;
- Seja específico nos comentários;

Fonte: Criação da professora estagiária

Anexo XIV – Cartoon que representa sofrimento e dor



Fonte: Retirado do site da RTP



Fonte: Criação da professora estagiária

Anexo XVI – Ficha de Trabalho “Orações coordenadas e subordinadas”

Ficha de trabalho

Orações coordenadas e subordinadas

4.2. Frase complexa: coordenação e subordinação

Oração	Unidade sintática constituída por um predicado e pelos elementos que com ele estabelecem relações gramaticais.
Frase simples	Frase em que existe um único verbo principal ou copulativo. Ex.: <i>Náquele situação, a Rita concordou facilmente com o irmão.</i>
Frase complexa	Frase em que existe mais do que um verbo principal ou copulativo e que contém mais do que uma oração. Numa frase complexa podem existir orações coordenadas e/ou subordinadas e subordinadas. Ex.: <i>Gostei dos sapatos e compreí-os online. A loja aceitou a encomenda, mas não efetuou a entrega no prazo previsto, porque os funcionários da transportadora estavam em greve.</i>
Coordenação	Consiste na junção de duas ou mais unidades linguísticas com a mesma categoria e/ou função sintática. Nota: Além de orações, os constituintes coordenados podem pertencer a qualquer grupo sintático (nominal, adjectival, adverbial, verbal ou preposicional).
Oração coordenada	Oração contida numa frase complexa, que não mantém uma relação de subordinação sintática com as(ões) oração(ões) com que se combina. Estas orações podem ser sindéticas (quando existe um elemento de ligação – conjunção ou locução conjuntiva) ou assindéticas (quando são separadas por uma pausa, representada por uma vírgula). Ex.: <i>Os turistas partiram cedo; viajaram durante algumas horas e desembarcaram no seu destino por volta do meio-dia.</i>
Coordenada copulativa	Estabelece uma relação de adição com as(ões) oração(ões) com que se combina. Ex.: <i>Sentia-me bem e fui passear.</i>
Coordenada adversativa	Transmite uma ideia de contraste, de oposição, relativamente à ideia expressa na frase ou oração com que se combina. Ex.: <i>Sentia-me bem, mas não fui passear.</i>
Coordenada disjuntiva	Exprime um valor de alternativa face ao que é expresso pela oração com que se combina. Ex.: <i>Ou ia passear ou não me sentiria bem.</i>
Coordenada conclusiva	Transmite uma ideia de conclusão decorrente da ideia expressa na frase ou oração com que se combina. Ex.: <i>Sentia-me bem, logo fui passear.</i>
Coordenada explicativa	Apresenta uma justificação ou explicação relativa à frase ou oração com que se combina. Ex.: <i>O Luís não se sentiu bem, pois um médico esteve em sua casa.</i>
Subordinação	Consiste na junção de duas ou mais unidades linguísticas numa relação de dependência hierárquica entre o elemento subordinante e a oração subordinada.
Elemento subordinante	Palavra, constituinte ou oração de que depende uma oração subordinada. Ex.: <i>A minha irmã prometeu que me ia oferecer um CD.</i> (Elemento subordinante: forma verbal) <i>A hipótese de não chegares hoje incomoda-me.</i> (Elemento subordinante: nome) <i>Quando chegar a hora, eu digo-te.</i> (Elemento subordinante: oração)

Oração subordinada	Oração contida numa frase complexa, que desempenha uma função sintática na frase em que se encontra, estando dependente de uma oração ou elemento subordinante. Nota: As orações subordinadas finitas ou não finitas denominam-se desta forma conforme apresentem o verbo numa forma finita ou não finita (infinitivo, gerúndio, participio passado, respetivamente).
Subordinada adverbial	Desempenha a função sintática de modificador, contribuindo com informação complementar sobre o conteúdo da oração subordinante.
Causal	Exprime o motivo (a causa) do evento descrito na subordinante. Ex.: <i>Ontem, fui visitar a minha avó, porque está adoentada. / Visitei a minha avó por estar adoentada.</i>
Comparativa	Contém o segundo elemento de uma comparação que se estabelece em relação a uma situação apresentada na subordinante. Ex.: <i>Estas atividades são tão simples como as que realizámos no ano passado. O Ludovico gosta mais de ouvir música do que de dançar.</i>
Concessiva	Transmite uma ideia de contraste relativamente ao que é apresentado na subordinante, mas que, ainda assim, não a impede. Ex.: <i>Embora estivesse a chover, decidi ir à praia. / Decidi ir à praia, apesar de estar a chover. Mesmo chovendo, decidi ir à praia.</i>
Condicional	Exprime a condição de que depende o facto expresso na subordinante. Ex.: <i>Se tivesses chegado mais cedo, tinhas conseguido um lugar melhor. Chegando mais cedo, conseguirás um lugar melhor.</i>
Consecutiva	Exprime a consequência de um facto apresentado na subordinante. Ex.: <i>Depois do treino, fiquei tão cansado que não consegui mexer os membros. Fiquei cansado a ponto de não conseguir mexer os membros.</i>
Final	Exprime a intenção (finalidade) da realização da situação descrita na subordinante. Ex.: <i>Enviei-te aquele e-mail para que não restassem dúvidas. Enviei-te aquele e-mail para não restarem dúvidas.</i>
Temporal	Estabelece a referência temporal em relação à qual a subordinante é interpretada. Ex.: <i>Quando terminares, liga-me. / Ao terminares, liga-me. Terminado o trabalho, liga-me. / Terminando o trabalho, liga-me.</i>
Subordinada substantiva	Desempenha as funções sintáticas habitualmente assumidas por nomes ou grupos nominais (sujeito e complemento de um verbo, nome ou adjectivo).
Completiva	É sujeito ou complemento de um verbo, nome ou adjectivo, podendo ser introduzida pelas conjunções subordinativas completivas que se e por para. Ex.: <i>É importante que todas as informações científicas sejam comprovadas. O arador referiu que os dados apresentados eram recentes. Um dos intervenientes perguntou se poderia testar a fórmula. O congressista que chegou atrasado pediu para entrar. A probabilidade de que os lugares disponíveis não fossem ocupados era quase nula.</i>
Relativa	É sujeito, complemento ou modificador de um verbo ou predicativo do sujeito e pode ser introduzida por pronomes relativos sem antecedente, como quem, o que, onde, quanto. Ex.: <i>Quem lê muito na infância jamais perde o hábito da leitura. O árbitro viu quem cometeu a falta? Nem todos os alunos sabem o que estudar regularmente. A Francisca compra o material escolar onde o vendem mais barato.</i>

Subordinada adjetiva	Desempenha a função sintática de modificador do nome, sendo introduzida por uma palavra relativa (pronome, advérbio, quantificador ou determinante).
Relativa restritiva	Restringe a informação dada sobre o antecedente e desempenha a função sintática de modificador restritivo do nome. Ex.: Os alunos que estão atentos nas aulas obtêm bons resultados.
Relativa explicativa	Contribui com informação adicional sobre o antecedente e desempenha a função sintática de modificador apositivo do nome. Ex.: Os alunos, que estão atentos nas aulas , obtêm bons resultados.

1. Classifique a oração «Como não há uma gestão de resíduos eficiente».

2. Classifique a oração subordinada presente em «Não sei se vou fazê-lo».

3. Qual das frases complexas seguintes contém uma oração subordinada concessiva?

Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida. _____

(A) Desde que haja bilhetes suficientes, podemos levar todos os alunos à estreia do espetáculo.

(B) Logo que haja bilhetes suficientes, podemos levar todos os alunos à estreia do espetáculo.

(C) Visto que o preço dos bilhetes é elevado, não posso assistir à estreia desse espetáculo.

4. Classifique a oração iniciada por «que» em «Não se pretende, porém, afirmar que toda a obra de Vieira da Silva deriva dos azulejos.»

5. Selecciona a única opção que permite obter uma afirmação correta. Escreve o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

a. A frase complexa que contém uma oração subordinada causal é _____

(A) «Comprei vários romances policiais para ler nas férias».

(B) «Sempre que tenho oportunidade, consulto jornais na internet».

(C) «Como li toda a sua obra, conheço bem este escritor».

Fonte: Manual *Outras Expressões 12.º ano* e IAVE